



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas - FATECS

RUBIA CUNHA DE MENDONÇA

OBSERVAÇÕES DE UMA QUASE JORNALISTA:
o livro-reportagem como forma de noticiar

BRASÍLIA
2018

RUBIA CUNHA DE MENDONÇA

**OBSERVAÇÕES DE UMA QUASE JORNALISTA:
o livro-reportagem como forma de noticiar**

Projeto experimental apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientadora: Prof^a PHD Flor Marlene Enriquez Lopes

BRASÍLIA

2018

RUBIA CUNHA DE MENDONÇA

**OBSERVAÇÕES DE UMA QUASE JORNALISTA:
o livro-reportagem como forma de noticiar**

Projeto experimental apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientadora: Prof^a PHD Flor Marlene Enriquez Lopes

Brasília, 26 de novembro de 2018.

Banca Examinadora

Prof^a PHD Flor Marlene Enriquez Lopes
Orientadora

Prof^a Dra. Renata Innecco Bittencourt de Carvalho
Examinadora

Prof. Dr. Gilberto Gonçalves Costa
Examinador

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim e que não me deixaram desistir, mesmo quando eu assim o desejei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Flor Marlene por ter sido a minha orientadora e por aceitar uma visão diferenciada de uma quase jornalista que vê a profissão com um olhar fora dos padrões. Agradeço também a tantos outros professores que carregarei com carinho nesse leque de conhecimentos que se abriu, dentre eles, Renata Inneco, Gilberto Costa, Frederico Thomé, Joana Bicalho, Bruno Nalon, Rogério Giugliano, Sérgio Euclides, entre outros.

Agradeço a minha mãe que, ao longo de todo o curso, não me deixou abandonar a coisa toda, me cobrou em meus momentos mais complicados e de quase desistência; e que falou nesse fim de jornada: “Eu acredito!”. Agradeço ao meu filho, por ser meu “comparça”, porto seguro e contribuinte de ideias de como destravar os pensamentos. Não poderia deixar de agradecer ao Bernardo Castro, meu psicólogo, por me escutar tantas vezes e me fazer detectar onde eu devia fortalecer os meus sentimentos, além de perguntar sempre como estava o andamento do meu TCC.

Agradeço aos meus amigos que se mantiveram curiosos com essa jornada desafiadora e me desejaram boa sorte para um mundo que as pessoas questionarão a minha ética e minha moralidade! Aos meus colegas de curso que me acompanharam ou que já encerraram esta fase. E a Djenane Arraes que foi uma das primeiras pessoas que me deram chance nessa vida de comunicação social; meu profundo respeito e admiração a essa pessoa da área de jornalismo que será a minha mais nova estação!

"Seja breve para que eles leiam; claro para que eles gostem; original para que eles não esqueçam e, acima de tudo, preciso, para que sejam guiados por sua luz."

PULITZER, Joseph (1847-1911).

RESUMO

O projeto experimental proposto neste TCC teve como objetivo apresentar um memorial de uma graduanda do curso de bacharelado em Jornalismo, sobre o uso do livro-reportagem como ferramenta no ensino de prática textual na formação de jornalistas. A compreensão do jornalismo literário, do *new journalism* e de alguns aspectos do *hard news* para produção da obra jornalística, foram importantes para o discernimento de que outros tipos de gêneros podem ser abordados nas matrizes curriculares do curso para um maior entendimento da história do jornalismo. Na prática da profissão, o especialista se divide entre a objetividade do jornalismo diário e do anseio por uma liberdade maior que pode beirar à subjetividade. Porém, é de extrema importância, aproximar os alunos do diálogo de textos teóricos com a diferença existente entre os gêneros abordados no projeto, para que haja a prática da leitura e da escrita. A criação da crônica inserida no projeto, tem como finalidade apresentar uma observação participativa sobre o curso e ofertar aos alunos e professores algumas sugestões para a matriz curricular. A metodologia escolhida para desenvolver o produto partiu de pesquisas bibliográficas e análises documentais, apresentando os gêneros textuais jornalísticos necessários para a compreensão e produção de um livro-reportagem. Com os métodos suscitou-se questionamentos e reflexões sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para um maior aproveitamento das competências a serem desenvolvidas. Como conclusão, é possível afirmar que o acréscimo do livro-reportagem nas ajudará os alunos a escreverem fora dos nichos tradicionais da profissão em Brasília, os aprimorando no *hard news*, além de incitá-los a participarem das diversas oportunidades ofertadas aos jornalistas universitários.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Jornalismo Literário. *New Journalism*. *Hard News*. Gêneros Textuais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O CHAMADO À AVENTURA	16
1.1 <i>TEMA</i>	16
1.2 <i>OBJETO</i>	16
1.3 <i>QUESTÃO</i>	16
1.4 <i>JUSTIFICATIVA</i>	16
1.5 <i>OBJETIVOS</i>	19
1.5.1 <i>Objetivo geral</i>	19
1.5.2 <i>Objetivos específicos</i>	19
1.6 <i>METODOLOGIA</i>	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1 <i>RECUSA AO CHAMADO</i>	23
2.2 <i>ENCONTRO COM O MENTOR</i>	25
2.2.1 <i>Crônica</i>	26
2.2.2 <i>Jornalismo Literário</i>	28
2.2.3 <i>New Journalism</i>	30
2.2.4 <i>Hard News</i>	33
2.2.5 <i>Livro-reportagem</i>	35
3 PRODUTO	39
3.1 <i>CRUZAMENTO DO LIMIAR</i>	41
3.2 <i>TESTES, ALIADOS E INIMIGOS</i>	42
3.3 <i>APROXIMAÇÃO DA CAVERNA PROFUNDA</i>	45
4 MEMORIAL DESCRITIVO E ANALÍTICO	50
4.1 <i>PROVAÇÃO</i>	50
4.2 <i>RECOMPENSA</i>	50
4.3 <i>ESTRADA DE VOLTA</i>	52
4.3.1 <i>SOBRE O NOME DO PROJETO EXPERIMENTAL</i>	52
4.4 <i>RESSURREIÇÃO</i>	54
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

A proposta deste projeto experimental foi a produção de um texto, no formato de uma crônica de opinião, que tem como objeto de estudo a introdução do livro-reportagem nas matrizes curriculares da universidade e o estudo da abordagem da diferenciação deste gênero com o *hard news* e outros gêneros jornalísticos para produções textuais. As minúcias da proposta inicial precisaram se expandir sobre questionamentos que podem surgir nas possíveis interpretações do público receptor, a respeito do fazer jornalístico, de sua confiabilidade e das competências de formandos da área.

Nos estudos feitos sobre livros-reportagem percebeu-se que, para a produção desse tipo de gênero textual, é preciso ter o conhecimento prévio do jornalismo literário, do *new journalism* e do *hard news*, de forma a autenticar a sua importância no jornalismo. Ao discernir os conceitos necessários para a validação desse tipo de obra jornalística, a escolha da crônica como forma de expressão, abordou a visão de uma graduanda do curso de bacharelado em Jornalismo a respeito do currículo do curso e da falta de apresentação de alguns desses instrumentos.

Levou-se em conta a necessidade de imergir o público-leitor a respeito de possíveis melhorias para a qualificação dos universitários na área; o preparo de um texto infere de leituras científicas que a linguagem escrita está ao alcance de leitores alfabetizados ou analfabetos funcionais. Considerou-se também que para a produção de uma estória, é essencial pensar tridimensionalmente em tipologias narrativas, dissertativas e descritivas da Literatura, assim como o acréscimo das expositivas ou argumentativas do Jornalismo.

Embora Costa faça uma analogia que,

A crônica é o único gênero literário produzido essencialmente para ser vinculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. [...] feita com uma finalidade utilitária e pré-determinada: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem.¹

¹ Definição da palavra crônica. COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2014. p.92.

A relação entre a mídia, nesse caso o comunicador, e a audiência, o comunicado, trata de um mundo compartilhado em que ambos se complementam. “Essa relação é um desafio. Por meio dela, *a mídia é forçada* a reconhecer que não está sozinha e que de uma maneira ou de outra, tem de levar o *Outro* em conta”². Por outro lado, os avanços das formas de reprodução de uma notícia, possuem a problemática da consciência do jornalista sobre a informação alcançada pelo público que pode ser e será interpretada de várias maneiras por ele.

Ou seja, o noticiar não parte apenas pela busca de fontes, de dados confiáveis, da moralidade e da ética durante a produção da notícia, mas também da premissa do direito fundamental do cidadão ao acesso à informação e do convívio social e politizado entre a mídia e a sociedade. Conforme Silverstone,

A mídia, como força cultural, é, de modo semelhante, política: sujeita a conflitos em torno de acesso e participação; em torno de direito de propriedade e representação; e sempre vulnerável às incertezas e às consequências imprevistas de todo e qualquer ato de comunicação. A mídia conecta e separa a um só tempo. Inclui e ao mesmo tempo exclui. Oferece liberdades de expressão e reclama direitos de vigilância e controle. Ela também possibilita e impede. Cria novas desigualdades, assim como procura eliminar antigas.³

Na observação do desempenho das atividades diárias do *hard news*, em notícias do ano corrente, constatou-se que o imediatismo das redações também exige o cuidado pela inveracidade de uma notícia pela qual o jornalista é o principal responsável por suas publicações. Conforme Noblat, “não devemos precipitar a divulgação de uma notícia impelidos tão somente pela pressa e pelo medo de sermos furados”.⁴

De acordo com a Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SECOM), “52% dos brasileiros, disseram confiar sempre, ou muitas vezes, nas notícias de televisão, rádio, jornais e revistas”⁵, apesar dessa confiabilidade, há uma linha tênue que pode romper em reportagens mal apuradas, vide o caso da Escola Base ocorrido em 1994.

² SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002, p. 247-248.

³ *Ibidem*, p. 268.

⁴ NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 60.

⁵ BRASIL. Governo Federal. **Percentual de leitores de jornal impresso permanece estável, aponta Pesquisa Brasileira de Mídia**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/percentual-de-leitores-de-jornal-impresso-permanece-estavel-aponta-pesquisa-brasileira-de-midia>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

O evento fez com que alguns jornalistas retificassem os erros cometidos pela mídia após vários anos de uma nova apuração. Livros-reportagens com maior aprofundamento sobre o caso foram lançados por Ribeiro, “que trouxe à luz os erros cometidos pelos jornalistas ao noticiarem nos veículos de *hard news*, às acusações de abuso sexual feitas contra os proprietários da escola”⁶; e Coutinho, “que mostrou o poder que a mídia teve e como ela foi prejudicial aos principais atingidos”⁷, lançado em 2016, um pouco mais de duas décadas após o escândalo.

O furo da reportagem, neste caso, baseou-se em fontes primárias. Para Noblat⁸, a diferença de pensamento sobre furo da reportagem entre o emissor e o receptor, é que os jornalistas dão preferência para o furo e o público à informação correta.

Por mais que surjam dúvidas sobre a necessidade de ensinar como fazer um livro-reportagem na área acadêmica, os discentes precisam levar em conta que na universidade os graduandos possuem um tempo maior para apurar e refinar o tema que escolherem e para lapidar um material bruto que pode ter sido divulgado pelo *hard news*⁹; ou mesmo se debruçarem em um assunto inédito que seja considerado de interesse público, tais como biografias históricas, sociais, entre outras.

Nesse sentido, o projeto se dividirá nas 12 etapas da *Jornada do Herói*¹⁰, tendo como base o mundo comum da vida da graduanda do curso de bacharelado em Jornalismo, tendo como a última etapa, o retorno com o elixir, convencer que o livro-reportagem é uma ferramenta necessária para o curso de Jornalismo, ao revisar os conceitos sobre a crônica, o jornalismo literário, o *new journalism* e o *hard news*. Para o alinhamento manter-se-á em vista as teorias dos definidores primários e da espiral do silêncio, para pensar no jornalismo em livro e nas características dos gêneros

⁶ RIBEIRO, A. **Caso Escola Base**: os abusos da imprensa. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

⁷ COUTINHO, E. **Escola Base**: onde e como estão os protagonistas do maior crime da imprensa brasileira. São Paulo: Casa Flutuante, 2016.

⁸ NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 61.

⁹ Notícias que são consideradas de interesse para muitas pessoas, seja em uma determinada área, país, ou no mundo. CAMBRIDGE Dictionary. **Hard News**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/hard-news>>. Acesso em: 21 nov. 2018. Tradução nossa.

¹⁰ Aquilo que define o herói é sua capacidade de autosacrifício em nome do bem-estar comum – após deter em suas mãos toda a sabedoria conquistada por meio dos desafios que lhe foram apresentados, o herói deve retornar ao seu local de origem, levando seu conhecimento adquirido até os povos no intuito de alcançarem valores mais altruístas. ROBERTO, A. *Jornada do herói nos quadrinhos: o leitor e a leitura no processo de autodescoberta e conhecimento*. **DiÁLOGO**, Canoas, n. 34, p. 71-84, abr. 2017.

textuais estudados. Nas etapas finais o foco será nas observações da experiência interrompida de uma graduanda que cursou Letras e que se aproximava da graduação em Jornalismo, a respeito de sugestões para a matriz curricular, seguido da conclusão e o final de sua jornada.

1 O CHAMADO À AVENTURA

1.1 TEMA

A proposta deste projeto experimental tem como objetivo principal a produção de uma crônica de opinião, que traz as observações de uma graduanda sobre o curso de jornalismo, a respeito da introdução do livro-reportagem nas matrizes curriculares da universidade, assim como o estudo da diferenciação desta obra jornalística com o *hard news* e outros gêneros.

1.2 OBJETO

Projeto experimental

O objeto desse trabalho visa a elaboração de uma crônica de opinião, nomeada *Observações de uma quase jornalista: o livro-reportagem como forma de noticiar*, que indicará possíveis melhorias no curso de Bacharelado de Jornalismo do Centro Universitário UniCEUB através da observação participante de uma graduanda na área indicada.

1.3 QUESTÃO

Como a introdução do livro-reportagem nas matrizes curriculares do curso de Bacharelado de jornalismo, pode auxiliar os graduandos a compreender o *hard news*?

1.4 JUSTIFICATIVA

O avanço da tecnologia e as formas de reproduzir uma notícia são aspectos que o jornalista encara em seu trabalho diário. O livro-reportagem, como forma de noticiar, leva em conta a diferenciação de notícias em formato *hard news* e sua estrutura literária, o livro.

No primeiro caso, o jornalista precisa se preocupar com o *deadline*¹¹ das redações, em que o tempo é escasso e a preocupação com o furo é maior. No segundo caso, o profissional não só ganha mais tempo para apurar, como refinar o

¹¹ Um momento em que algo deve ser feito. CAMBRIDGE Dictionary. **Deadline**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/deadline>>. Acesso em: 03 out. 2018. Tradução nossa.

seu conhecimento para a produção da obra e poder focar seus esforços no assunto que ele deseja tornar público. Assim, ele pode trazer à tona a profundidade da temática em que se debruçou e se afastou da urgência do tempo.

Ao pensar nos diversos formatos da mídia, o jornalista precisa ter em mente que o seu trabalho desperta no cidadão sentimentos dúbios. Exemplificando os casos políticos, as empresas midiáticas são acusadas, em grande parte do tempo pelo público, de propagar notícias falsas. O colunista Joel Pinheiro da Fonseca, publicou no site da Exame¹² sua opinião durante a época das eleições de que era necessário mostrar aos eleitores polarizados a mídia não era inimiga.

O caso usado para exemplificação trata sobre “as acusações da ex-mulher [Ana Cristina Siqueira Valle] descritas no processo obtido pela Veja¹³ [que] incluem o caso revelado de Folha sobre a disputa da guarda do filho do casal Jair Renan”¹⁴. As acusações confirmadas à Folha por pessoas que conviveram, na Noruega, com a ex-esposa do então deputado, foram, nas justificativas de Ana, que “quando você está magoado, fala coisas que não deveria”¹⁵ e que “ela teria falado inverdades”.¹⁶

Conforme Fonseca, a Folha de S. Paulo desempenhou seu papel jornalístico e de acordo com os testemunhos, a cobertura da Folha, não chegou a mentir no que foi escrito, porém,

Se ele [Bolsonaro] de fato fez essa ameaça ou não é outra história. [...] É o leitor que completa o raciocínio implícito num movimento quase natural: “se a ex-mulher acusou Bolsonaro, então Bolsonaro ameaçou sua ex-mulher de morte”. E levar o leitor a fazer esse salto tem toda a cara de ser feito com motivação política. Talvez nem tenha motivação política: a mídia gosta de provocar o leitor, de permitir insinuações indiretas para gerar mais interesse.¹⁷

Infere-se da observação do colunista um alerta sobre os pré-julgamentos da atuação dos jornalistas nas notícias veiculadas. Ou seja, a consideração feita aponta

¹² FONSECA, J. P. de. **Para eleitores polarizados, a mídia está sempre errada**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/blog/joel-pinheiro-da-fonseca/para-eleitores-polarizados-a-midia-esta-sempre-errada/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

¹³ O PROCESSO. **Veja**, São Paulo, Edição 2602, out. 2018.

¹⁴ EX-MULHER **acusou Bolsonaro de furto de cofre e agressividade**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/ex-mulher-acusou-bolsonaro-de-furto-de-cofre-e-agressividade.shtml>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

¹⁵ Ibidem. Acesso em: 25 out. 2018.

¹⁶ TSE **NEGA direito de resposta a Bolsonaro contra reportagem da "Veja"**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/25/tse-nega-direito-de-resposta-a-bolsonaro-contrareportagem-da-veja.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

¹⁷ FONSECA, J. P. de. op. cit. Acesso em: 23 out. 2018.

possíveis empecilhos ou desafios do trabalho para os que desejam adentrar no mundo jornalístico.

Caso o estudante mantenha a decisão em seguir a carreira, existem caminhos para sanar algumas dúvidas. A pesquisa antecipada pelas diretrizes curriculares nacionais do curso de Jornalismo, dará um norte sobre o que pesquisar nos sites das faculdades e verificar se na universidade há exigência de estágios para a profissionalização; e o código de ética dos jornalistas que mostrará o papel que ele desempenhará após a sua formação.

Uma outra preocupação apontada pelo colunista Joel Pinheiro da Fonseca, foi a força das ferramentas midiáticas como o *WhatsApp*¹⁸ e as redes sociais nas últimas campanhas políticas do Brasil. Os eleitores desviaram a confiança para as divulgações encontradas nesses locais em vez de darem credibilidade para os jornais.

Vale lembrar que esse aplicativo de mensagens já foi usado para tentar interferir num resultado eleitoral no Brasil. Foi no dia da votação do segundo turno de 2014, quando Dilma Rousseff (PT) tentava reeleição em disputa direta contra Aécio Neves (PSDB). Naquele dia - 26 de outubro de 2014 -, o WhatsApp de centenas de milhares de pessoas amanheceu com a seguinte notícia: Alberto Youssef, doleiro que se tornara delator da Operação Lava Jato e que havia dito dias antes que Dilma sabia da corrupção na Petrobras, havia sido “envenenado” na prisão. Era uma notícia falsa, um boato que se espalhou entre os eleitores a ponto de ser necessário que autoridades do governo fossem a público para desmenti-lo.¹⁹

De acordo com Fonseca, “é preciso reconstruir pontes entre o leitor e a mídia profissional. [...] Enquanto isso não mudar, não importa o quão rigoroso seja o trabalho, ele será sempre acusado de ser mentiroso”.²⁰

Compreende-se por isso que, há uma inquietante preocupação na função desempenhada pelos jornalistas e que conhecer a teoria e algumas práticas midiáticas não tem sido o suficiente para desempenhar a profissão. A atualidade requer do

¹⁸ O WhatsApp começou como uma alternativa ao sistema de SMS, e agora oferece suporte ao envio e recebimento de uma variedade de arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos, compartilhamento de localização e também textos e chamadas de voz. **SOBRE O WhatsApp**. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/about/>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

¹⁹ CHAPOLA, R. **O WhatsApp nas eleições: o uso por candidatos e eleitores**. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/06/10/O-WhatsApp-nas-eleicoes-o-uso-por-candidatos-e-eleitores1>> Acesso em: 21 nov. 2018.

²⁰ FONSECA, J. P. de. **Para eleitores polarizados, a mídia está sempre errada**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/blog/joel-pinheiro-da-fonseca/para-eleitores-polarizados-a-midia-esta-sempre-errada/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

jornalista o conhecimento aprofundado do *fact-checking*²¹, uma das características marcantes na produção do livro-reportagem. O conhecimento da área citada, é um acréscimo importante aos futuros profissionais para não serem julgados como meros reprodutores de *fake news*.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo geral

Criar o projeto experimental de uma crônica de opinião, nomeada *Observações de uma quase jornalista: o livro-reportagem como forma de noticiar*, sobre a introdução do livro-reportagem nas matrizes curriculares do curso de Bacharelado de Jornalismo.

1.5.2 Objetivos específicos

Verificar se o livro-reportagem auxilia nas produções de *hard news*;

Fazer uma breve explicação sobre gêneros textuais como a crônica, o jornalismo literário, o *new journalism*, do *hard news* e do livro-reportagem como subgêneros do jornalismo;

Averiguar se o livro-reportagem é literário ou não;

Verificar se há como conciliar a literatura com o jornalismo.

1.6 METODOLOGIA

O projeto experimental valeu-se dos procedimentos analíticos qualitativos, por aliarem um método investigativo e ajudar a estabelecer padrões verificados através de fatos observáveis na diferenciação de processos textuais de um livro-reportagem e de notícias *hard news*. Segundo Rodrigues, Melo e Monteiro, a pesquisa qualitativa “para o tratamento das informações, as análises de discurso, de conteúdo ou de conjuntura são as mais tencionadas no meio acadêmico das humanidades”²².

²¹ Processo de verificação de que todos os fatos em um artigo, uma notícia, um discurso etc. estão corretos. O jornal agora faz mais checagem de fatos antes de publicar. CAMBRIDGE Dictionary. **Fact checking**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fact-checking>>. Acesso em 25 out. 2018. Tradução nossa.

²² RODRIGUES, D.; MELO, M.; MONTEIRO, L. Paradigmas quantitativo e qualitativo no cotidiano da investigação. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, Aracaju, v.2, n. 1, p.9-16,

Para Duarte e Barros, o uso do procedimento analítico nas ciências sociais e humanas parte de um discurso imediato, transformando-o em outro. Segundo eles, o procedimento analítico, possuem dois possíveis vetores, o ontológico e o pragmático. “O vetor ontológico procura assegurar que estamos cada vez mais próximos da ‘realidade’ desvendada pelas ciências. O vetor pragmático assegura que somos cada vez mais eficazes em busca de nossos objetivos”²³.

Ao usar o vetor pragmático na confirmação de que o livro-reportagem serve como forma de noticiar, a teoria dos definidores primários e a espiral do silêncio, demonstram que no primeiro caso, deve-se ter o devido cuidado ao transmitir a importância da produção de um livro-reportagem no desenvolvimento de um jornalista, pois, o não aprofundamento de pesquisa das fontes, do recolhimento de material; ou na preocupação do compartilhamento de informações, podem causar um “ruído” na compreensão da informação do receptor em comparação com o *Hard News* já praticado em sala de aula.

No segundo caso, a inserção do livro-reportagem nas matrizes curriculares, serve como respaldo para um graduando que terá em sua formação o estudo aprofundado das técnicas de entrevista e apuração, evitando desta forma as armadilhas das rotinas de trabalho. Nas notícias de *Hard News*, os definidores primários são fontes privilegiadas, de posições institucionais que “confirmam” o discurso. Porém, nas pressões do *deadline*, os jornalistas podem ser perfilados de manipuladores das notícias ou de conspiradores contra uma determinada classe, caso ele mantenha o silêncio ao discordar da opinião dos demais.

De acordo com Pena, na teoria dos definidores primários, “a preferência pela opinião dos poderosos funciona, na verdade, como uma defesa para o jornalista. Ao colher um depoimento que ‘legitima’ a informação, ele se esconde atrás da palavra do outro”²⁴. No caso da teoria da espiral do silêncio, Noelle-Neuman se posiciona que:

As pessoas tendem a esconder opiniões contrárias à ideologia majoritária, o que dificulta a mudança de hábitos e ajuda a manter o *status quo*. A opção pelo silêncio é causada pelo medo da solidão social, que se propaga em espiral e, algumas vezes, pode até esconder desejos de mudança presentes na maioria silenciosa. Só que esses desejos acabam sufocados pela espiral do silêncio. Ou

out.2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17564/2316-3801.2013v2n1p9-16>>. Acesso em 11 nov. 2018.

²³ EPSTEIN, I. **Ciência, poder e comunicação**. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2017. p.13-31.

²⁴ PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.154.

seja, as pessoas não só são influenciadas pelo que os outros dizem como também pelo que imaginam que eles poderiam dizer.²⁵

A principal estratégia utilizada incluiu pesquisas bibliográficas e análises documentais. Para que houvesse o levantamento de artigos e textos científicos publicados e demais documentos não científicos que podem ilustrar como as duas formas de noticiar, “literária” e *Hard News*, podem se aliar. Conforme Stumpf,

a pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões.²⁶

Daniel Moreira, elucida que as análises documentais, se aproximam da premissa da pesquisa bibliográfica por constituir, em parte, em “um recorte mais recente do campo científico em constante e mutante processo de delimitação, o recurso da análise documental costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação”²⁷. Devido à mutação citada pelo autor, no caso da pesquisa científica,

As fontes de análise documental, frequentemente são de origem secundária, ou seja, constituem conhecimento, dados ou informação já reunidos ou organizados. São fontes secundárias a mídia impressa, a eletrônica e relatórios eletrônicos²⁸

Aliando as duas formas, tanto a bibliográfica e a documental; além das teorias dos definidores primários, da espiral do silêncio, os estudos para o desenvolvimento da pesquisa que serviram como base para a produção das “*Observações de uma quase jornalista: o livro-reportagem como forma de noticiar*”, averiguou que as matrizes curriculares do curso de Jornalismo, pode ser enriquecidas com o ensino e a produção de livros-reportagens universitários.

A pesquisa contou com materiais de autores especializados na temática de livro-reportagem e *hard news* para encontrar um fator comum a respeito da introdução

²⁵ NOELLE-NEUMAN, E. 1995. apud. PENA, F. **Teorias do jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.155.

²⁶ STUMPF, I. R. C. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2017, p.51-83.

²⁷ MOREIRA, S. V. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2017, p.269-279.

²⁸ MOREIRA, D. A. (Org.). **Didática do ensino superior: técnicas e tendências**. São Paulo: Pioneira, 1997, p.272.

do gênero jornalístico livro-reportagem nas matrizes curriculares. De acordo com Lima, a PUC de Campinas, a Universidade Federal de Goiás, são “cursos de graduação [...] com grande produção de livro-reportagem”²⁹. Segundo Carvalho e Vettore, o uso desse gênero era um pré-requisito para a formação no curso de Bacharelado de Jornalismo no Centro Universitário Anhanguera, e:

apesar de todas as dificuldades, concluímos o nosso TCC e, alguns meses depois, o publicamos em um livro intitulado “Depois das Grades”. Escrever essa obra foi, com certeza, uma das melhores experiências que nós tivemos na nossa formação como jornalistas. Nosso intuito era o de divulgar esse tema, pouquíssimo tratado, mas muito importante, pois trata da vida de pessoas que fazem parte do nosso dia a dia. Elas estão lá, mesmo invisíveis, procurando novas oportunidades no mercado formal, ou tentando a sorte no mercado informal. Perdidos sem saber por qual caminho seguir, por falta de informação ou de apoio, ou estão voltando para o caminho que as levaram para a prisão. Queremos que o nosso livro chegue a todos, para que as pessoas possam compreender e formar suas próprias conclusões sobre o assunto.³⁰

²⁹ Troca de mensagens entre autor e aluna.

³⁰ CARVALHO, L.; VETTORE, R. **Como produzimos nosso livro-reportagem durante o TCC de jornalismo?** Disponível em: <<http://www.casadosfocas.com.br/como-produzimos-nosso-livro-reportagem-durante-o-tcc-de-jornalismo/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RECUSA AO CHAMADO

Um bom escritor busca uma forma de prender seu leitor através das personagens, do tema, do cenário, da trama, da época e principalmente, pelos motivos que o levaram a escrever sobre a temática apresentada. É necessário que um bom contador de estória tenha isso em mente, pois esse tipo de arte vem de uma cultura em que os fatos eram propagados de forma oral.

Ao traçar as exigências citadas e fazer um paralelo com o *lead*, o texto jornalístico fará do repórter um *storyteller* que narrará ao seu público uma estória transcrita de forma mais sucinta e que deixou a ficção de lado, pois os fatos precisam retratar a realidade sem ultrapassar os limites da ética moral e jornalística.

Um dos aspectos preocupantes no fazer jornalístico, em tempos atuais, é que o imediatismo necessita manter o fluxo de notícias alto para prender a atenção do público. Dentre os quais, na proliferação de assuntos, os leitores deslizam os olhos nas chamadas das notícias e apenas aquelas que despertam o interesse o levarão a ler a matéria completa. As notícias falsas que possuem chamadas sensacionalistas, são problemáticas para o jornalismo, pois são compartilhadas sem serem lidas em sua grande parte³¹.

O repórter Miranda³², divulgou uma matéria no site O Globo, sobre os perigos do compartilhamento das *fake news* e como elas podem afetar a vida das pessoas. Nas cinco histórias contadas por ele, o “carro-chefe” trata do caso de Leandro Santos de Paula que ficou conhecido por ser o adolescente que questionou o ex-governador Sérgio Cabral sobre as obras e o policiamento na rua em que morava. Como resposta, ele recebeu uma palavra grosseira que foi divulgada através de vídeo na internet.

À época, o recorte da filmagem mostrou o ex-governador humilhando o rapaz e “viralizou” nas redes sociais com mais de 430 mil visualizações, porém, uma nova *fake news* utilizou a imagem de Leandro e colocou a vida dele em risco ao apontá-lo

³¹ TELEFONE **sem fio: maioria dos internautas compartilha links sem ler o conteúdo.** Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/tecnologia/telefone-sem-fio-maioria-dos-internautas-compartilha-links-sem-ler-o-conteudo-ck00xyiromjrhq9m3kms2x7cy/>> Acesso em: 21 nov. 2018.

³² MIRANDA, A. **Notícias falsas põem vidas em risco.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticias-falsas-poem-vidas-em-risco-21113323>> Acesso em: 03 out. 2018.

como carcereiro de Cabral. Tudo não passava de uma brincadeira do site humorístico “*Joselito Müller*” que propagou a notícia. Leandro respondeu à reportagem de Miranda com as seguintes palavras:

— Onde eu moro, você não pode ser policial ou agente penitenciário. Então meus amigos e vizinhos começaram a me ligar com medo de eu morrer sem ter feito nada. O risco era algum bandido achar que era verdade — conta Leandro. — Os sites nem sabiam meu nome. Eles só usaram o vídeo que eu fiz em 2009 para ter uma notícia relacionada à Lava-Jato³³.

Apesar do público acreditar que as empresas jornalísticas fabricam *fake news* para atrair o público, o despreparo do jornalista na apuração das notícias pode fortalecer a ideia durante a publicação de inverdades. O problema poderia estar vindo de pessoas que agem como jornalistas? Os recém graduados estão saindo inseguros? Talvez a resposta tenha um pouco dos casos citados ou, quem sabe, pode estar acontecendo problemas na formação do jornalista. Autores como, Lima³⁴, Belo³⁵ e Couto³⁶ perceberam ao escrever livros que tratam sobre o livro-reportagem, sobre a falta de investimento na produção textual nos cursos de Comunicação.

Devido às incertezas de empresas exigirem diploma e do público ter em mente que qualquer pessoa pode ser jornalista, os alunos com especialização no jornalismo precisam descobrir em si o porquê de ter se dedicado à profissão de comunicador, que ora precisa de diploma, ora parece não precisar³⁷, precisando apenas do registro profissional de jornalista. Ter o livro-reportagem como matéria essencial em sua diplomação, enriquece o currículo junto ao Jornal Laboratório e outras matérias obrigatórias. Ao desenvolver esse tipo de material, para quem seguirá a profissão, abre-se uma possibilidade de resgatar o lado autoral e ter um pouco mais de liberdade na produção textual.

³³ MIRANDA, A. **Notícias falsas põem vidas em risco**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticias-falsas-poem-vidas-em-risco-21113323>> Acesso em: 03 out. 2018.

³⁴ LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

³⁵ BELO, E. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

³⁶ COUTO, A. T. **Livro-reportagem**: guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

³⁷ PORTO, C. **O Supremo diante do diploma de jornalista**. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/opiniao/2018/08/5564433-o-supremo-diante-do-diploma-de-jornalista.html>>. Acesso em: 30 out. 2018.

O livro-reportagem mantém o lado da responsabilidade, da ética e do jornalismo longe do *deadline*³⁸ das redações e aumenta a chance dos futuros profissionais de conhecerem o que vem a ser o debruçar sobre uma pauta, a busca pelo material impresso ou não, de compreender as fontes e os motivos pelos quais se deve manter a atenção do público presa à estória que ele está a mostrar.

2.2 ENCONTRO COM O MENTOR

Para desenvolver o produto final que aborda os motivos de estudar o livro-reportagem e alcançar o objetivo principal de mostrar que há várias áreas requisitadas para se produzi-lo, foi necessário conhecer os gêneros textuais que antecederiam o objeto de estudo, pois, sem o conhecimento deles, a crônica não possuiria o embasamento teórico requerido.

Durante o estudo, o conhecimento adquirido acarretou em matérias consideradas extracurriculares por não fazerem parte da composição das ementas. A aquisição do hábito da leitura de jornais ajuda a detectar a parte mais importante na matéria e se responde às perguntas que compõem o *lead* – que, onde, quando, como e por que. A confirmação das respostas, mostram a importância dessa ferramenta para o jornalismo contemporâneo, também conhecido como jornalismo diário ou *hard news*. De acordo com Ferreira,

Não podemos fugir a uma realidade factual; o capitalismo está no DNA do jornalismo. Informação é poder, logo um produto à venda. Então, o jornalista tem que ter equilíbrio, mas, sobretudo, compromisso com a informação, o cidadão e a verdade dos fatos, sempre escutando duas, se possível três, quatro, cinco versões do fato. Contextualizando o fato, aprofundando, investigando e narrando para a audiência. É possível dar a informação, atender ao interesse público e garantir a audiência sem fazer da notícia um espetáculo. Este é o grande dilema do jornalismo contemporâneo, no qual os jornalistas estão inseridos. É preciso compromisso com os fatos, com a informação, a investigação e o cidadão³⁹.

³⁸ Hora limite para a finalização da matéria. In: BRASIL. Senado Federal. **Manual de Comunicação da SECOM**: Deadline. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/deadline>> Acesso em: 30 out. 2018.

³⁹ FERREIRA, D. A realidade do jornalismo contemporâneo. **Observatório da Imprensa**. São Paulo, ano 19, ed. 567, n. 1014, dez. 2009. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-realidade-do-jornalismo-contemporaneo/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Nesse sentido, a escolha dos gêneros textuais como base para a produção do projeto, deve-se ao alinhamento da produção estilística de uma crônica de opinião com foco narrativo-descritivo de um narrador onipresente

2.2.1 Crônica

A crônica é um gênero textual que pode ser utilizada na literatura e no jornalismo. Sua versatilidade, em ambos os campos, foi escolhida como ferramenta para dialogar com os leitores sobre a formação dos jornalistas e das matrizes curriculares. O texto, assim como a linguagem, utiliza o poder da comunicação e as formas de contextualização de uma determinada temática, para atingir diretamente o leitor durante a leitura ofertada pelo autor.

Conforme Costa, a crônica iniciou-se dentro do jornalismo, na compilação de fatos históricos, na apresentação de áreas como a política, dos costumes sociais e foi usada por grandes escritores a partir do século XIX. O autor também reforça que o estilo utilizado na crônica jornalística,

geralmente é um texto curto, breve, simples, de interlocução direta com o leitor e com marcas bem típicas da oralidade. [...] Além do tipo narrativo, também pode ser do tipo argumentativo ou expositivo, como textos de opinião sobre temas diversos de diversas áreas⁴⁰.

Entretanto, a explicação do que é uma crônica se torna suscetível conforme cada autor. Em questão de técnica, a crônica às vezes pode ser confundida por suavizar discursos duros e reflexivos. Ivan Ângelo explica, em uma crônica, sobre esse tipo textual e a confusão dos que se aventuram no gênero. Seu texto, “*Sobre a crônica*”, divulgado primeiramente no site da Veja São Paulo⁴¹, foi usado como referência na coletânea de crônicas da Olimpíada de Língua Portuguesa,

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes de Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica

⁴⁰ COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**: Crônica. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2014. p.92.

⁴¹ ANGELO, I. Sobre a crônica. **Veja São Paulo**, 2009. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/sobre-cronica/>>. Acesso em: 08 out. 2018.

tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem - e facilidades que a melhor poesia não se permite.⁴²

Esse tipo de gênero textual mescla-se nas tipologias dos campos da Literatura e do Jornalismo. O que leva muitas vezes o leitor pensar que a crônica escrita por um jornalista está fadada a ser ficcional. No entanto, a crônica jornalística, se preocupa com a ética e a objetividade, ela trata de forma criativa os casos factuais, dando mais liberdade ao jornalista, dando a ele o poder de opinar e demonstrar seus sentimentos acerca de uma determinada temática.

Na crônica há o diferenciamento do papel desempenhado pela personagem, que possui preceitos desde os estudos aristotélicos; e das fontes que são vistas como pessoas e interpretadas como personagens de acordo com a interpretação de quem lê. Segundo Brait,

um aspecto relevante dos estudos aristotélicos é o que diz respeito à semelhança existente entre a personagem e a pessoa, conceito centrado na discutida, e raras vezes compreendida, *mimesis*⁴³ aristotélica⁴⁴.

O termo, segundo a autora, “foi traduzido como sendo “imitação do real”, como referência direta à elaboração de uma semelhança ou imagem da natureza”⁴⁵. Ao tratar sobre a *Poética* de Aristóteles ela aborda o resgate do conceito de “*verossimilhança interna* de uma obra”. Por esse aspecto, infere-se que o repórter precisa ser fiel em suas matérias; na representação de algo que ocorreu e com testemunhos de fontes, aqui representadas por personagens não-ficcionais; a diferenciação entre o narrador, segundo os preceitos de Aristóteles é que apesar do poeta não ter,

o ofício de narrar o que realmente aconteceu; é possível segundo a verossimilhança e a necessidade [...] não diferir o historiador e o poeta,

⁴² ANGELO, I. Sobre a crônica In.: **Olimpíadas de Língua Portuguesa: Coletânea Crônicas**. São Paulo: Cenpec, 2010. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/colecao-da-olimpiada/artigo/250/coletanea-de-textos>>. Acesso em: 08 out. 2018.

⁴³ Mímésis é um termo oriundo do grego e significa a faculdade do homem de reproduzir, imitar. Na filosofia aristotélica, a mímésis representa os fundamentos da arte e Platão, por sua vez, cria ser tudo imitação, até mesmo que o universo é oriundo de uma imitação verdadeira, o mundo das ideias. Pensar em arte é pensar na faculdade humana de expressar simbolicamente o metafísico, o oculto, tudo aquilo que foge dos padrões da racionalidade. OLIVEIRA, G. D. de **Mímésis: conceito e exemplificação do texto literário em A Metamorfose de Franz Kafka**. Disponível em: <<http://www.anais.ueg.br/index.php/epe-slmb/article/view/2714>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

⁴⁴ BRAIT, B. **A Personagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.38.

⁴⁵ Ibidem, p.38.

por escreverem em verso ou prosa, mas por se diferenciarem no que se diz das coisas que sucederam e as que poderiam suceder.⁴⁶

Nesse sentido, o repórter cronista ao escrever as coisas que sucederam em uma crônica, pode ser comparado com um historiador ao publicar fatos ocorridos, através de testemunhos não-ficcionais; mantendo a verossimilhança do relato, ao assumir a responsabilidade de suas divulgações que ficarão em domínio público a partir do momento em que ele se prestou a dar as informações. Mantendo assim, seu juramento ético relatando a verdade dos fatos, se pautando em uma apuração precisa para a correta divulgação do produto de seu trabalho.

2.2.2 Jornalismo Literário

O jornalismo literário é uma definição considerada recente, no que se concerne as classificações para o jornalismo. Classificar os gêneros, no entanto, deve levar em consideração observações feitas desde a Grécia Antiga. “A proposta realizada por Platão, era baseada nas relações entre a Literatura e realidade. E foi nessa área que a teoria dos gêneros ganhou consistência”⁴⁷.

Conforme Pena, a partir do século XVIII se iniciou as tentativas de classificação dos gêneros jornalísticos, porém, ainda houve muita divergência; já que no século XIX, o modelo de Platão foi contestado por Victor Hugo, dando abertura a várias formas de representações ainda consideradas como literárias. O autor aponta que as diversas classificações do Jornalismo Literário são vistas de formas diferenciadas em vários países e por vários autores, sendo tratadas como subgêneros, em seu estudo.

O conceito está fundamentalmente ligado a uma questão linguística. Como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim da verossimilhança possível.⁴⁸

Tendo em mente a respeito da complexidade de nomear essa subdivisão do jornalismo, Pena desenvolveu um conceito chamado “*estrela de sete pontas*” onde ele mostra que o Jornalismo Literário está além das possibilidades do *hard news* e que a prática desse gênero jornalístico é um acréscimo ao conhecimento no que se

⁴⁶ ARISTÓTELES, **Poética**. 4. ed. Portugal: INCM CASA DA MOEDA. 1994, p. 115. Disponível em: <<https://mega.nz/#F!88FVCbqK!Heay0BIZCI-A29hJjs0uLA>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

⁴⁷ PENA, F. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.18.

⁴⁸ Ibidem, p.21.

concerne a linguagem da literatura e ao profissionalismo do jornalista. O resumo de seu conceito é que:

O jornalista precisa potencializar os recursos do jornalismo; ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano; proporcionar uma visão ampla da realidade; lembrar que a obra deve exercitar a cidadania; romper com as correntes do *lead*; evitar os definidores primários, conhecidos como as fontes oficiais e, não menos importante, se preocupar com o fator perenidade, pois, uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser superficial.⁴⁹

Similarmente, Vilas Boas refere-se a esse gênero jornalístico como “uma entre várias alternativas para a oxigenação dos textos às vezes herméticos (da academia), pernósticos (dos colunistas) ou banais (dos noticiários)”⁵⁰, quando é visto como uma literatura que representa a realidade e desperta a confiança do leitor sobre o que foi retratado.

Para Lima, o Jornalismo Literário é visto como “um campo de tecnologias narrativas comprovadas ao longo de sua história. É tradição e autenticidade. Razão e intuição. Lógica e emoção. Uma constelação criativa e complexa”⁵¹. As narrativas centradas nas pessoas, segundo o autor, vencem barreiras do próprio jornalista que pratica a cidadania ao olhar o outro, se aprofunda no desconhecido, se mobiliza para que a narrativa seja de uma vida real e que tenha o poder transformador na consciência das pessoas.

Ao tratar das narrativas com cunho jornalístico e literário, Falaschi afirma que elas mantêm os métodos e as técnicas conhecidas do jornalismo. Para ele, as “narrativas jornalístico-literárias não são obras de ficção, nem comentários sobre romances, contos, novelas; elas primam pela qualidade e exatidão das informações, pela beleza da expressão, pelo estilo autoral”.⁵²

Ainda assim, o ensino desse gênero jornalístico que somatiza e evita cristalização da escrita, é afastado dos cursos de jornalismo. Conforme Castro,

as escolas de comunicação hoje não preparam alunos para a multiplicidade narrativa, mas para a uniformidade do lead. [...] Segundo, os próprios professores não saberiam avançar além da

⁴⁹ PENA, F. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.13-15.

⁵⁰ VILAS BOAS, S. **Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007, p.10.

⁵¹ LIMA, E. P. **Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007, p.11.

⁵² FALASCHI, C. **Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007, p.14-15.

técnica do *lead* apenas (e isso não era culpa delas, mas da deficiência mesmo do ensino de comunicação no Brasil) as outras técnicas narrativas foram deixadas de lado.⁵³

Indubitavelmente, o Jornalismo Literário, está intrinsecamente ligado ao livro-reportagem e conhecê-lo antecipadamente auxilia no desenvolvimento de um produto que calque em suas linhas a dissecação dos métodos, das técnicas e dos procedimentos jornalístico; além do empenho e do compromisso do jornalista para que ele encontre uma voz autoral e traga na escrita de sua narrativa o mundo real que ele deseja que o público alcance.

2.2.3 *New Journalism*

Os aspectos que o *New Journalism* demarca, estão próximos às transformações culturais que ocorriam nos Estados Unidos na década de 60, envolvendo padrões políticos, tecnológicos, entre outros. De acordo com Couto, essa década foi marcada por “grandes manifestações sociais, dos movimentos pelos direitos civis, da corrida armamentista e da polarização do mundo em dois blocos antagônicos e hegemônicos”⁵⁴.

A categoria em que esse gênero jornalístico se encontra, advém pela busca de intermediar a sofisticação da literatura, com os padrões jornalísticos. É evidente encontrar traços do Jornalismo Literário no *New Journalism*, devido à similaridade que ambos parecem evocar.

Pela mesma razão em que Couto aponta as transformações culturais na década de 60, Lima compara essa nova categoria jornalística um resgate da tradição do jornalismo literário que conduziria

a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes e que mesmo no Brasil, é possível conjecturar que o novo jornalismo americano tenha influenciado dois veículos lançados em 1966, [...] a revista *Realidade*, [...] e o *Jornal da Tarde*.⁵⁵

O *New Journalism* então, se aproxima um pouco mais do estilo adotado em um livro-reportagem, onde o repórter que sempre esteve dentro das redações, poderia se aproximar da área literária.

⁵³ CASTRO, G. de. **Jornalismo Literário**. Brasília: Casa das Musas, 2010, p.6.

⁵⁴ COUTO, A. T. **Livro-reportagem**: guia prático para profissionais e estudantes de Jornalismo. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017. p.90.

⁵⁵ LIMA, E. P. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009. p.191.

Embora Castro considere que o *New Journalism* fosse um estilo inovador e alternativo à técnica do *lead* no século XIX,

o Novo Jornalismo (NJ) necessitava reformar exatamente essa rotina de produção, notadamente as rotinas de apuração de uma história, que passou a ser meticulosa, fazendo o repórter passar grande parte do tempo em companhia da fonte para cobrir cada história, chegando a conviver durante dias e, em alguns casos, semanas e meses com as pessoas sobre as quais escreviam.⁵⁶

Um dos maiores exemplos usado como referência no curso de Jornalismo é o de Truman Capote, que depois de seis anos de apuração do caso do assassinato da Família Clutter, lançou seu livro “*A Sangue Frio*”, após a execução dos assassinos em 1965. O livro visto como um divisor entre a literatura e o jornalismo, é considerado um marco do que viria a ser chamado de romance não-ficcional, por ter a característica do lado artístico que envolve a emoção e a precisão factual construída no relacionamento do repórter com suas fontes.

Como a maioria das pessoas que costumavam freqüentar a casa dos Clutter, a sra. Kidwell aceitara a ausência da anfitriã sem fazer nenhum comentário, presumindo, como de costume, que ela estivesse "indisposta" ou em "Wichita". De qualquer modo, quando chegou a hora de irem ao pomar, a sra. Kidwell declinou; criada na cidade, cansava-se facilmente e preferiu ficar dentro de casa. Mais tarde, enquanto aguardava o retorno dos colhedores de framboesa, ouviu um som de choro, desconsolado, pungente. "Bonnie?", chamou, e correu escada acima, atravessando o corredor até o quarto de Bonnie. Quando abriu a porta, sentiu o calor acumulado no quarto como uma súbita e horrível mão tapando-lhe a boca; saiu correndo para abrir a janela.⁵⁷

Outro repórter referenciado do *New Journalism* é Gay Talese. Uma de suas obras, *O Voyeur*⁵⁸, foi transformada em um documentário do serviço de *streaming*⁵⁹ Netflix⁶⁰. Talese levou mais tempo que Capote para lançar o livro, foram 35 anos passados para que ele liberasse o material. Durante o documentário o repórter mostra alguns erros que nenhum jornalista deve cometer, principalmente se decidir escrever

⁵⁶ CASTRO, G. de **Jornalismo Literário**. Brasília: Casa das Musas, 2010, p.47-48.

⁵⁷ CAPOTE, T. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. E-book.

⁵⁸ TALESE, G. **O voyeur**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

⁵⁹ Atividade de ouvir ou assistir som ou vídeo diretamente da internet. In: CAMBRIDGE Dictionary. **Streaming**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/streaming>>. Acesso em 10 nov. 2018. Tradução nossa.

⁶⁰ Serviço de transmissão online que permite aos clientes assistir a uma ampla variedade de séries, filmes e documentários premiados em milhares de aparelhos conectados à internet. O **QUE É a Netflix?** Disponível em: <<https://help.netflix.com/pt/node/412>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

um livro-reportagem. Em seu depoimento durante o documentário, o jornalista mostra a técnica que ele costuma usar para se resguardar em caso de ser acusado por má apuração.

O receio de Talese é justificado, pois embora o cunho do novo jornalismo seja o de não-ficção, no momento em que o repórter registra o que se passa na mente de suas fontes, ele abre o precedente para a contestação dos leitores e das empresas que os contrataram. Uma das técnicas para se aproximar da possível “telepatia” se encontra na percepção do jornalista à medida que o tempo com sua fonte se prolonga.

Talese, define suas técnicas da seguinte forma:

Tento absorver todo o cenário, o diálogo, a atmosfera, a tensão, o drama, o conflito e então escrevo tudo do ponto de vista de quem estou focalizando, revelando inclusive, sempre que possível, o que os indivíduos pensam nos momentos que descrevo. Esta visão interior só pode ser obtida, naturalmente, com a plena cooperação do sujeito, mas se o escritor goza de confiança daqueles que focaliza, isto se torna viável por meio de entrevistas, onde a pergunta certa é feita no momento exato. É assim possível saber registrar o que se passa na mente das pessoas.⁶¹

Porém, mesmo com esta técnica e a manutenção de seus registros, Talese foi contestado por um checador do *The New Yorker*, vários de seus registros também foram contestados por incongruências em datas e nomes.

Quando você se atém às histórias, as coisas mudam. Quando se escreve não-ficção, pensamos que a obra está montada. E aí? Todo o local da história, o próprio motel, some, então eu tenho que dar um jeito.⁶²

O jornalista precisou fazer um retrabalho para que sua carreira não afundasse e provar que seu relato e o da sua fonte eram verdadeiros. Conforme Pena, Wolfe havia escrito em 1973 um manifesto sobre o *New Journalism*, onde há quatro recursos básicos que devem ser seguidos pelo jornalista: “reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem”⁶³.

⁶¹ TALESE, G. 2003. apud CASTRO, G. de **Jornalismo Literário**. Brasília: Casa das Musas, 2010. p.49.

⁶² VOYEUR. Direção: Myles Kane; Josh Koury. Intérpretes: Gay Talese. 2017. (1h35). Produzido por Netflix. Baseado no livro-reportagem: *O Voyeur de Gay Talese*.

⁶³ PENA, F. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.54.

Ou seja, o *New Journalism* que surgia como uma forma de resgate ao Jornalismo Literário e uma alternativa para os jornalistas que desejavam se aprofundar em matérias com um cunho mais social, ainda passaria por novas reelaborações para evitar a comparação desse gênero com uma ficção.

2.2.4 *Hard News*

O uso do manifesto de Wolfe para o *hard news* era impraticável devido à demanda do tempo nas redações e o conhecimento da metodologia das produções textuais mostrava a importância do discernimento em se noticiar. As informações mais importantes, no caso desse gênero jornalístico, se encontram no início e se desenrolam ao longo da notícia. O nome para esse tipo de formato é conhecido como pirâmide invertida que tem no início da reportagem o conceito conhecido como *lead*.

Para Belo, o surgimento desse formato encontra em diversos historiadores e estudiosos da mídia a defesa de,

que o *lead* passou a ser utilizado durante a Segunda Guerra para facilitar o trabalho dos correspondentes. Como as transmissões por telégrafo eram caras e instáveis – não havia nenhuma garantia de que o repórter conseguiria passar todo o texto antes de uma quase inevitável queda de conexão –, estabeleceu-se que o primeiro parágrafo de cada despacho tinha que conter os elementos essenciais da notícia. Uma espécie de resumo do texto que respondesse às questões quem, quando, onde, como e por quê.⁶⁴

Outros historiadores apontam o uso do *lead* durante o século XIX, sem o vincular à Segunda Guerra. Porém, o modelo se manteve e ganhou força nos mercados americano, influenciado o brasileiro, que perceberam no *hard news* a isenção de subjetividade que o Jornalismo Literário possuía. Conforme Nicolato, a projeção desse tipo de jornalismo se deu por conta de um mundo que passava por diversas transformações, dentre elas a redução do analfabetismo e o avanço tecnológico.

A credibilidade do veículo de comunicação, [...] nas sociedades tidas como democráticas, estaria respaldada por um novo modo de estruturar o produto jornalístico, tendo como ponto de partida a configuração de uma linguagem objetiva.⁶⁵

⁶⁴ BELO, E. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.23.

⁶⁵ NICOLATO, R. **Jornalismo e Literatura**: aproximações e fronteiras. s/n. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9436889836084530327712814615574213993.pdf>>. Acesso em: 22 de mar. 2018.

De acordo com Tuchman, as informações encontradas no *hard news* são mais diretas, “básicas e geralmente relacionadas com temas que geram o debate público, como conflitos, economia e política”⁶⁶. Esse tipo de relacionamento temático nas redações, são conhecidas como pautas quentes, as quais atendem os requerimentos dos valores-notícia que são: “o ineditismo; probabilidade; interesse; apelo; empatia; proximidade”⁶⁷, sem os quais acabam se transformando em pautas frias que aparecem em momentos pontuais.

A diferença entre esses tipos de pauta distingue os repórteres nas redações, pela mesma razão que o avanço da tecnologia reduz o contingente das empresas nos tempos atuais. Em consonância, Noblat resume que “o jornalista que gosta de escrever só sobre alguns assuntos terá menos chances do que outro capaz de escrever sobre qualquer assunto”⁶⁸, pois as redações têm buscado profissionais multifuncionais que sejam capazes de cobrir qualquer área e estejam aptos a qualquer exigência.

De acordo com Bertolini,

Benjamin via dois tipos de narradores: “os viajantes” e “os que viveram muito e conhecem suas histórias e tradições”. A fonte a que ambos recorrem é “a experiência que passa de pessoa a pessoa”, destacava, mas o problema é que “as experiências estão deixando de ser comunicáveis”. “O conselho tecido na substância viva da existência tem nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria está em extinção.”⁶⁹

O *hard news* requer habilidade, percepção e adaptação para saber quando ou não parar antes de noticiar. Noblat espanta-se com a pressa na caça da verdade; no empregar da apuração e no transmitir das “verdades” ao público. Para o autor é evidente que:

A pressa é culpada, nas redações, pelo aniquilamento de muitas verdades, pela quantidade vergonhosa de pequenos e grandes erros

⁶⁶ TUCHMAN, G. 1998-99. apud: SANTOS, A. D.; NAVA, M.; CERVI, E. U. **Comparação entre os temas que ganharam visibilidade nas capas dos jornais regionais em 2010.**

Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0823-1.pdf>> Acesso em: 11 nov. 2018.

⁶⁷ Critérios para a importância da notícia. BRASIL. Senado Federal. **Manual de Comunicação da SECOM:** valor-notícia. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/valor-noticia>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

⁶⁸ NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário.** 8. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 36.

⁶⁹ BERTOLINI, J. O alerta de Benjamin e o jornalismo. **Observatório da Imprensa.** São Paulo, ano 19, ed. 821, n. 1014, out. 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed821_o_alerta_de_benjamin_e_o_jornalismo/>. Acesso em: 21 nov. 2018.

que borram as páginas dos jornais e pela superficialidade de textos que desestimulam a reflexão. Apurar bem exige tempo. Escrever bem exige tempo. E não existe mais razão de jornal ser feito às pressas.⁷⁰

A referência de Noblat em relação à pressa é quanto ao campo do jornalismo impresso que vem perdendo espaço para as notícias em tempo real divulgadas na internet. Para ele, além deste campo, a televisão e o rádio também deveriam ficar com a preocupação do imediatismo. À mídia impressa, o autor defende que a ocupação deveria ser o desconhecido e o enxergar do amanhã.

Nesse sentido, Zamith elucida que a “pirâmide invertida tem sido dominante nas *hard news* dos media tradicionais, nunca o terá sido, contudo, [...] nos gêneros jornalísticos mais livres, subjectivos e opinativos, como a crónica, o editorial e o comentário”⁷¹, assim como no Jornalismo Literário que abrange o livro-reportagem.

2.2.5 Livro-reportagem

O livro-reportagem, segundo Belo, pode ter como ponto de partida o século XIX na Europa, mas antes disso, conforme ele, várias narrativas de não-ficção já haviam sido escritas nos meios acadêmicos. Para o autor a reportagem em livro era conhecida como um subgênero da literatura e a distinção do jornalismo e literatura ainda não estava estabelecida.

Conforme Belo, o jornalismo europeu “nasceu da atividade político-partidária (veículos impressos) e da preocupação estatal com o emprego do rádio e da televisão no processo educacional”⁷². O autor vê o modelo europeu como uma vigorosa indústria cultural consolidada por conta do crescimento do nível educacional da classe operária e que

essa herança cultural sempre pesou favoravelmente nos hábitos de escrita e de leitura do povo europeu e ajudou os jornais e revistas de lá a contar histórias sempre de um ponto de vista muito particular. [...] De todo modo, o modo de ação do jornalista na Europa revela-se bem mais intelectualizado que o simples reproduzidor de declarações em que uma parcela grande dos profissionais se converteu no Brasil.⁷³

⁷⁰ NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 38.

⁷¹ ZAMITH, F. **Pirâmide Invertida na Cibernotícia**: a resistência de uma técnica centenária.

Prisma.com, n.1, p.175-192, 2005. Disponível em:

<<http://pentaho.lettras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2151/1984>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

⁷² BELO, E. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.20.

⁷³ Ibidem, p.20.

Contrariamente à visão de subjetividade em livros-reportagem, Couto defende que para a realização desse tipo de obra, “o primeiro passo é elaborar a pauta. [...] é a partir dela que o trabalho tem início. Nesse caso, ela não difere dos procedimentos que se faz para a realização de uma matéria ou reportagem”.⁷⁴

A autora indica que a escolha de uma pauta deve envolver o interessado para que o trabalho não seja deixado de lado e que ele tenha paciência durante o processo que pode levar meses ou anos para confeccionar o livro-reportagem. Couto ressalta que esse tipo de gênero jornalístico se adequa a jornalistas que gostam de escrever, que se dedicam à pesquisa para fazer grandes reportagens, matérias ou coberturas; ou para aqueles que gostam de se expressar de uma forma mais profunda e diferenciada.

Duas situações importantes devem ser observadas ao se elaborar uma pauta em livro-reportagem: primeiro, ela tem de seguir todos os critérios jornalísticos, da mesma forma que os segue ao escrever uma reportagem, uma matéria, quais sejam: captação e suas técnicas, seleção do que vai se abordar, a pesquisa, as fontes, checagem de dados, a redação e, por fim, a edição. Segundo a conexão da realidade.⁷⁵

Pela mesma razão, Lima observa que o livro-reportagem é uma obra que foge da periodicidade dos veículos impressos e “apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”⁷⁶. Para o autor o aprofundamento encontrado nesse gênero jornalístico pode ser entendido na ênfase ao tratamento do tema, distinguindo-se das demais publicações classificadas como livro por três condições consideradas essenciais por ele:

1) Quanto ao conteúdo, o objeto de abordagem de que trata o livro-reportagem corresponde ao real, ao factual. A veracidade e a verossimilhança são fundamentais; 2) Quanto ao tratamento, compreendendo a linguagem, a montagem e a edição do texto, o livro-reportagem apresenta-se eminentemente jornalístico; 3) Quanto à função, o livro-reportagem pode servir a distintas finalidades típicas ao jornalismo, que se desdobram desde o objetivo fundamental de informar, orientar, explicar. Assim, o livro-reportagem pode trabalhar sua narrativa de uma maneira apenas extensiva [...] superior aos

⁷⁴ COUTO, A. T. **Livro-reportagem**: guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017, p. 69.

⁷⁵ Ibidem, p.71.

⁷⁶ LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009, p. 26.

periódicos, cumprindo, desse modo, um trabalho que se poderia denominar muito próximo ao jornalismo informativo arredondado.⁷⁷

No estudo de Rocha e Xavier sobre o livro-reportagem e suas especificidades, as autoras expõem a preocupação das empresas jornalísticas em relação à quantidade de leitores. De acordo com elas,

A análise dos paradigmas do jornalismo mostra que a emergência dos gêneros é fruto da preocupação em atrair público frente às transformações políticas, sociais, econômicas, tecnológicas e culturais e ao surgimento de novos meios também.⁷⁸

No Brasil, uma das ferramentas para se consultar os livros mais vendidos é a lista do Publishnews, infelizmente a metodologia utilizada separa apenas como gêneros ficcionais ou não-ficcionais, autoajuda, infanto-juvenil e negócios. Para alcançar a soma das vendas de todas as livrarias consultadas, os números acabam apresentando uma margem de erro, pois segundo a Publishnews: “as livrarias mandam no máximo listas com os 20 livros mais vendidos em cada categoria”⁷⁹, ficando desta forma difícil de separar com precisão a quantidade de livros-reportagem vendidos no Brasil.

No entanto, Belo assinala que:

[...] empiricamente é possível constatar que o grosso da produção de livro-reportagem hoje no Brasil se concentra em biografias. É o subgênero mais popular, até pelo desejo natural que o ser humano tem de conhecer a vida das pessoas públicas, em especial aquelas rotuladas como vencedoras ou que tenham por alguma razão não necessariamente positiva, alcançado a notoriedade.⁸⁰

Do mesmo modo que o livro-reportagem pode servir como ferramenta de experimentação para graduandos em Jornalismo, ele trará a praticidade das técnicas jornalísticas de apuração, abordagem e construção de narrativas aprofundadas e mais longas. Nas palavras de Belo, “para a reportagem ganhar o *status* de livro – ou o livro ganhar o status de reportagem – são necessárias algumas condições, como o caráter não perecível ou pelo menos de maior durabilidade”⁸¹.

⁷⁷ LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009, p. 27-29.

⁷⁸ ROCHA, P.; XAVIER, C. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Rumores – Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 138-157, jul./dez. 2013.

⁷⁹ METODOLOGIA. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/ranking>> Acesso em 11 nov. 2018.

⁸⁰ BELO, E. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.61.

⁸¹ Ibidem, p.42.

Sendo assim, o livro-reportagem como forma de noticiar, tem o caráter de um veículo que serve como recurso para outros tipos de mídias jornalísticas com desdobramentos significantes que sobrepõem os limites encontrados no *hard news*, mantendo a seriedade dos preceitos jornalísticos.

3 PRODUTO

OBSERVAÇÕES DE UMA QUASE JORNALISTA:

o livro-reportagem como forma de noticiar

Diz a sabedoria popular que escrever um livro, plantar uma árvore e ter um filho, seria o suficiente para uma pessoa morrer feliz, pois ela teria cumprido com sua missão na terra. Essa frase, foi associada a Eça de Queirós por seu livro, “*A cidade e as serras*”⁸², e em uma forma de brincadeira e um pouco de ambição, essa quase jornalista decidiu enveredar primeiro no mundo das Letras.

A paixão pela literatura já existia, assim como pela escrita. O curso de Letras foi minha residência até o momento em que as portas da faculdade foram fechadas por determinação do Procon. A dedicação ao curso teve um fim amargo nas batalhas judiciais; nas tentativas de continuidade e nas decepções de perceber que o conhecimento nos vários campos da Literatura, da Educação e de Seminários, sumiu durante os trâmites do despreparo do MEC ao fechar uma faculdade.

O Ministério da Educação regulamenta, avalia e vigia, porém não costuma assumir o papel de mediador entre as instituições e alunos em casos como esse. Apesar das pressões sofridas, o MEC acabou determinando que a faculdade entregasse os documentos; algo que não aconteceu. Percebi com morbidade que o ensino superior, à época, estava encerrando as atividades de Licenciatura em Letras em grande parte dos estabelecimentos e a graduação incompleta me afastava da ambição de escrever um livro.

O Jornalismo mostrou-se uma área com alguma afinidade. Ainda haveria leitura e escrita. Algo que manteria essas duas paixões e ampliaria a minha pesquisa em como atingir o objetivo que faltava nos dizeres populares. O bacharelado em Jornalismo, possui alguns aspectos parecidos e nesse ponto, o Ministério da Educação é de alguma valia por se preocupar em manter uma matriz em comum nos semestres iniciais de alguns cursos.

Na falta das ementas, algumas etapas não puderam ser queimadas. Vida que segue diante dos obstáculos e da realidade distante que encontrei em relação aos dois cursos. A proximidade é um abismo. Levei em conta que era minha terceira

⁸² QUEIRÓS, E. de. **A cidade e as serras**. Portugal, 1901. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/Livro/a-cidade-e-as-serras/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

instituição superior. Porém, não encontrei de início, respostas sobre formação de pesquisadores.

As dúvidas que surgiram acabaram por diminuir meu anseio pelo curso que deveria ser uma nova fonte de inspiração para a formação de jornalista preparada para o mercado. Já dizia Gustavo de Castro que “não parece interessar muito aos jornais, sair a curto e médio prazo do lead”⁸³. Meu coração doeu com as palavras e os motivos que ele pontuou como determinantes de “existir o mito de que o leitor não tem tempo para ler; que o leitor compra o jornal somente para se informar rapidamente, do que quer; de que o Jornalismo Literário é algo parecido a ‘encher linguiça’”.⁸⁴

Aliar a falta da prática no hábito da escrita, de leituras constantes e de apresentações de seminários, tornou um pouco mais mórbida a minha visão na descrença de que letrados e jornalistas não pensavam parecido. Algo precisava mudar, mas ao acompanhar os noticiários, como forma de exercício, encontrei erros nas matérias de jornais; correções que eram necessárias; acusações em cima de jornalistas vindas de todos os lados; os pedidos de desculpas que faziam por um “erro nosso” e o desgosto ao descobrir como as engrenagens funcionam.

Meu lado questionador deixou meu olhar mais arguto à avaliação. Assumi a ampla base de pensamento crítico e analítico e a percepção de que para um jornalista, o ato de comunicar não deveria ser difícil, pois as pessoas o aprendem desde que nascem, seja de forma oral, gestual ou escrita. Neil Gaiman com certeza daria “aquele olhar” e repetiria: “Você não sabe o que está fazendo [...] e não deve saber. As regras do possível ou impossível no mundo das artes foram criadas por gente que não desafiou os limites do possível tentando ultrapassá-los. Você pode fazer isso”.⁸⁵

Tenho que concordar com ele. A escrita aumenta a criticidade por conta da leitura e da pesquisa que são necessárias a esta atividade; ofício de qualquer autor letrado ou jornalista. Nota-se que o ato de escrever de forma criativa no jornalismo está morrendo devido às formulas do *lead* e, quem não souber essa fórmula pode sair prejudicado se não fizer um estágio.

O estágio é um local que cultiva o hábito da prática do *lead*. Por outro lado, ele estimula o hábito de ler, investigar, pesquisar em tempos ínfimos e sufocantes que

⁸³ CASTRO, G. de. **Jornalismo Literário**. Brasília: Casa das Musas, 2010, p.6.

⁸⁴ Ibidem, p.6.

⁸⁵ GAIMAN, N. **Faça boa arte**. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2014. p. s/n.

podem causar estafas mentais de analfabetos funcionais que se transformam em profissionais no ato do desespero e no prolongar do tempo. Por isso, vejo o jornalismo como uma esfinge, pronta para matar e devorar aqueles que não estiverem aptos a responder aos seus questionamentos e seguir adiante em sua jornada.

Escutar que o estágio serve para preparar o aluno, pode ser uma defesa plausível. No entanto, ele nem sempre foi obrigatório. Alguns colegas de curso alegaram que aprenderam nas redações, aquilo que não aprenderam nas salas de aula ou que não compreenderam na totalidade.

Jargões, linguagens técnicas, roteiros, *lead*, nota simples, nota coberta, off, sonora, são algumas palavras de tantas que foram pinceladas com pouca contextualização. Com o passar de um mês de férias, os conceitos são esquecidos, imaginem então com o passar de um ano sem prática. É isso! Definitivamente me faltou um pouco mais de prática!

Jornalismo Literário? Não foi isso que Gustavo Duarte falou mais cedo? Ouvi por um acaso em uma aula, junto aos livros-reportagens de forma breve. Por que eles não foram aprofundados, porque não ouvi falar deles logo no início? Eles seriam apenas objetos para conhecer algumas das técnicas usadas em investigações feitas pelo autor para escrever sua obra? Não sei, mas atingiria o terceiro e último objetivo dos dizeres populares que ainda não completei.

3.1 CRUZAMENTO DO LIMIAR

Eu precisava mudar essa visão deturpada sobre o jornalismo. Comecei pela produção textual! Assim como seus métodos, ela é uma ferramenta básica para o trabalho do repórter. No *hard news*, o *lead*⁸⁶ é uma ferramenta que vem sendo utilizada desde seu surgimento no século XIX, que às vezes se confunde com o uso na Segunda Guerra. Seu principal formato visa “o primeiro parágrafo da notícia, apresentando a informação principal, ao responder cinco questões: o que, onde, quando, por que, como”⁸⁷. Nicolato interpreta que o jornalismo “Ao contrário da

⁸⁶ No jornalismo impresso, em que as matérias, em geral, são redigidas em pirâmide invertida. BRASIL. Senado Federal. **Manual de Comunicação da SECOM: Lead**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/lead>>. Acesso em: 24 out. 2018.

⁸⁷ Formato clássico do *lead*. Ibidem, Acesso em: 24 out. 2018.

literatura, buscou numa sociedade industrial, [...] projetar-se como uma entidade estável, autônoma.”⁸⁸

Ao partir de uma nova estruturação do produto, objetivando a linguagem para se afastar da literatura que diminui a credibilidade de uma mídia comunicacional, o formato, também conhecido como a pirâmide invertida no jornalismo impresso, pôde ser utilizado como um dos facilitadores na construção do texto jornalístico do *hard news*. Ao utilizá-lo na produção da notícia, foi importante lembrar as palavras de Belo que “o mais bem preparado profissional, pode dominar a teoria na ponta da língua, mas só terá o devido reconhecimento quando comprovar, na lida diária, que esse domínio não é vazio”.⁸⁹

Precisei compreender que a manutenção do foco na reportagem e a preocupação com a verossimilhança são características importantes para a notícia e que a ficção deve ser deixada de lado, pois o Art. 7º do Código de Ética⁹⁰ da profissão é claro ao dizer que “o compromisso fundamental é com a verdade dos fatos” e que as narrativas construídas para as mídias “têm papel importante na sociedade e na relação entre os interlocutores, pois participam na forma como os sujeitos constroem o universo e como se veem inseridos nele”.⁹¹ Difícil argumentar contra esse artigo, mas eu precisava achar uma saída para o vazio que me dominou ao longo do curso.

3.2 TESTES, ALIADOS E INIMIGOS

Encontrei afinidade com as grandes reportagens durante o curso. E me perguntei onde estavam os estímulos para outros gêneros jornalísticos? Alguns professores mostraram que o modelo estudado em sala, é apenas um dentre vários, mas que ele era o principal e que o nicho local precisava desse tipo de demanda.

⁸⁸ NICOLATO, R. **Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras**. s./n., p.5. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9436889836084530327712814615574213993.pdf>>. Acesso em: 22 de mar. 2018.

⁸⁹ BELO, E. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

⁹⁰ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Código de Ética dos Jornalistas dos Brasileiros**. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

⁹¹ GONÇALVES, E.; SANTOS, M. dos **Reportagem: narrativa em muitos estilos**. p.3 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-2470-1.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

Não! Não! Me afundei, lembrando o Artº 17 do código de ética dos jornalistas brasileiros que diz: “o jornalista deve preservar a língua e a cultura nacionais”⁹². Mas o discurso em sala me lembrava que a subjetividade da literatura aliada ao jornalismo levanta questionamentos quanto ao livro-reportagem como meio de reproduzir notícia, pois suas pautas são vistas como reprodução de ecos já noticiados.

Para convencer a aliança das duas áreas, eu só encontrava contestação, mas Belo deu uma pequena “cola” para mim:

Produzir um livro-reportagem não exige anos de experiência em jornalismo. Tanto que muitas escolas superiores facultam a seus alunos essa opção de trabalho de conclusão de curso. Bem orientada, essa é uma atividade que garante ao formando um preparo extraordinário quanto a alguns dos principais aspectos da prática profissional, como apuração, texto e edição. Se o repórter iniciante se familiarizar de cara com o padrão de exigência que normalmente se emprega nos livros, com certeza irá se tornar um profissional mais rigoroso e bem preparado⁹³.

Sim! Comecei a enxergar possibilidades para o meu discurso aliar os “Homens de Letras” como Fernando Sabino que foi um escritor, jornalista e editor brasileiro. Um autor que se envolveu nessa multiplicidade profissional e recebeu diversos prêmios, entre eles, o Prêmio Jabuti e o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Escrevendo crônicas denunciando a barbárie, discutindo a política de desenvolvimento regional na Amazônia, utilizando o encontro do Rio Negro e Solimões para tratar de forma irreverente o assunto:

Que se encontram e não se misturam ao seguir o mesmo curso. Eis tudo que há para ver: uma grande extensão de água, aqui de uma cor, ali de outra – e a barca cruzando de cá para lá a fim de que possamos ver de perto a junção dos dois fluxos distintos. Seria apenas uma curiosidade a mais, se de súbito não assumisse aos meus olhos as proporções de um símbolo⁹⁴.

E Machado de Assis, escritor brasileiro que publicou romances, contos, poesias, peças de teatro, inúmeras críticas, crônicas e correspondências, se

⁹² ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Código de Ética dos Jornalistas dos Brasileiros**. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>> Acesso em: 07 nov. 2018.

⁹³ BELO, E. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p.69.

⁹⁴ SABINO, F. T. **Encontro das águas**: crônica irreverente de uma cidade tropical. Rio de Janeiro: Record, 1978.

aventurando como folhetinista no jornal O GLOBO⁹⁵, primeiro local que ele publicou em 20 folhetins “*A mão e a luva*” com o subtítulo “*um perfil de mulher*”:

Guiomar passou da poltrona à janela, que abriu toda, para contemplar a noite — o luar que batia nas águas, o céu sereno e eterno. Eterno, sim, eterno, leitora minha, que é a mais desconsoladora lição que nos poderia dar Deus, no meio das nossas agitações, lutas, ânsias, paixões insaciáveis, dores de um dia, gozos de um instante, que se acabam e passam conosco, debaixo daquela azul eternidade, impassível e muda como a morte.⁹⁶

Com os “Homens Factualis” como Caco Barcellos:

- Aqui Rota 66. Avistamos Fusca azul. Urgente. Câmbio.
 - Localização Rota 66? Câmbio.
 - Nove de julho. Reforço, Copom, reforço! Fusca azul vindo em nossa direção.
 - Atenção todos os carros. Rota, Tático Móvel, Radiopatrulha. Prioridade na rede é da Rota 66. Nove de julho. Avenida Nove de julho. Três elementos perigosos. Fusca azul. Atenção, viaturas...
- A espera do inimigo, o motorista da Rota 66 acelera muito, sem movimentar o carro, ainda parado no meio da pista.⁹⁷

Juntei o material que conheci nos minutos finais e aos poucos fui espalhando uma coisa ali, outra ali sobre a voz autoral para alguns alunos que deviam fincar os pés e defender aquilo que eles acreditavam que seria uma boa pauta.

Busquei apresentar para outros graduandos o website Jornalista 3.0 da Verônica Machado que incentiva os graduandos e profissionais da área a serem seus próprios empreendedores. Conheci algumas “*Faces do Webjornalismo*”⁹⁸ e os apresentei em uma mesa-redonda para uma pequena plateia, onde eles debateram os assuntos: o uso do *Whatsapp* como ferramenta para jornalistas; e *branded-content* no jornalismo. Mas, ainda me faltou o Jornalismo Literário e o *New Journalism*.

No entanto, eu precisava de mais estímulos. Ainda não tinha atingido o objetivo de escrever um, dois livros, quem sabe três livros-reportagem ao longo do curso, pois

⁹⁵ Publicado originalmente em folhetins, a partir de set.1874, em *O Globo*.

⁹⁶ ASSIS, M. de. **A Mão e a Luva**. 1874. BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

⁹⁷ BARCELLOS, C. **Rota 66**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.13.

⁹⁸ Nota da autora: Mesa-redonda realizada no Auditório 1 do UniCEUB, na data de 28 set. 2018 com as presenças de Fernando Braga, editor de *branded content* no portal Metrôpoles; Marina Amaral, social media e apresentadora do Trabalho Legal; Rebeca Oliveira, editora-chefe do do GPS | Lifetime; mediado por Diego Schueng, repórter e idealizador da RecPlay Produtora.

o que ele me proporcionaria para a vida profissional seria a interpretação das minhas palavras pelo mais variado público e eu não tinha ideia de como fazê-lo.

3.3 APROXIMAÇÃO DA CAVERNA PROFUNDA

Com o tempo pensei que o verdadeiro desafio à compreensão dos leitores em relação ao Jornalismo, são os padrões que um jornalista segue para a produção de uma reportagem. A princípio pode-se dizer que os profissionais, tanto do Jornalismo Diário com suas notícias em formato de pirâmide-invertida,

RIO GANHA ESTÁTUA DE 'JESUS SEM-TETO' NO DIA MUNDIAL DOS POBRES

Imagem foi presente do artista canadense Timothy Schamlz à Arquidiocese do Rio e será inaugurada e exposta ao público no dia 18 de novembro.

A partir do dia 18 de novembro, cariocas que passarem pelo Centro da cidade vão poder ver uma representação artística de Jesus Cristo diferente da imagem tradicional do filho de Deus para os cristãos. A escultura, doada por um artista canadense, representa o "Jesus sem-teto" deitado em um banco de praça com um cobertor fino sobre o corpo.⁹⁹

Quanto do Jornalismo de longo prazo que escrevem livros que auxiliam a compreensão de situações como a de Carandirú, escrito por Drauzio Varella, mesmo ele não sendo um jornalista,

Quando eu era pequeno, assistia eletrizado àqueles filmes de cadeia em branco e preto. Os prisioneiros vestiam uniforme e planejavam fugas de tirar o fôlego na cadeira do cinema.

Em 1989, vinte anos depois de formado médico cancerologista, fui gravar um vídeo sobre AIDS na enfermaria da Penitenciária do Estado, construção projetada pelo arquiteto Ramos de Azevedo nos anos 20, no complexo do Carandiru, em São Paulo. Quando entrei e a porta pesada bateu atrás de mim, senti um aperto na garganta igual ao das matinês do cine Rialto, no Brás. Nas semanas que seguiram, as imagens do presídio não me saíram da cabeça¹⁰⁰.

Aprendi que livros-reportagem podem ser uma forma de expor situações e que o *hard news*, vulgo jornalismo diário, se diferencia devido à velocidade que as novas tecnologias demandam. No primeiro caso o apoio dos manuais de redação seguirá

⁹⁹ RIO ganha **estátua de 'Jesus sem-teto' no Dia Mundial dos Pobres**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/11/13/rio-ganha-estatua-de-jesus-sem-teto-no-dia-mundial-dos-pobres.ghtml>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

¹⁰⁰ VARELLA, D. **Estação Carandiru**. Companhia das Letras, 2005. E-book.

linhas determinadas de cada empresa e as investigações dos fatos. Por outro lado, lembrei da complexidade que gera dúvidas não apenas nos futuros “focas”¹⁰¹, mas nas pessoas que se perguntam: “Como definir um gênero tão plástico, flexível e adaptável como a reportagem”¹⁰² em um formato de livro que sempre foi utilizado pela literatura, disponibilizando-o impresso ou em formato digital?

Minha resposta veio de forma calma quando encontrei alguém de outra área que não conseguia aliar a notícia ao formato de um livro. Iniciei explicando o modo de como a narrativa é escrita; e a diferença entre as duas formas de fazer jornalismo. Lembrei das palavras de Lima que “o gênero da reportagem em livro oferece muita liberdade ao autor. Nada impede que alguns aspectos importantes se alterem no futuro breve”¹⁰³.

Além disso, recordei que Gonçalves e Santos escreveram que na atividade jornalística a caracterização do livro-reportagem é “um tipo de manifestação que envolve vários gêneros e que não depende apenas do conteúdo, mas da forma como ele é trabalhado pela visão do jornalista”¹⁰⁴. Aquela única pessoa que me escutou, levou isso em conta.

Alguns tipos de manifestações podem ser utilizados na construção textual jornalística, transitando entre o jornalismo literário como forma de livro-reportagem, e na reportagem do *hard news*. Belo até comentou que:

A reportagem em geral nasce da pauta – e com o livro-reportagem não é diferente. A pauta no livro, pelas características do veículo, tornou-se bem distinta do modelo que se pratica na maioria dos jornais. Ela precisa de mais detalhamento de modo a permitir uma antevisão do que será o produto final.¹⁰⁵

A defesa da importância do livro-reportagem como um produto a ser desenvolvido, pode instigar na pesquisa de como prepará-lo. Há áreas inexploradas

¹⁰¹ Jornalista iniciante. Fala-se do foca no sentido afetivo, do aprendiz de repórter. JORGE, T. de M. Por que foca? **Observatório da Imprensa**. São Paulo, ano 19, ed. 497, n. 1014, ago. 2008. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/por-que-foca/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

¹⁰² GONÇALVES, E.; SANTOS, M. dos. **Reportagem: narrativa em muitos estilos**. 2014, s./n., p.1 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-2470-1.pdf>>. Acesso em: 22 de mar. 2018.

¹⁰³ LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2009. p.51.

¹⁰⁴ GONÇALVES, E.; SANTOS, M. dos. op. cit., p.4.

¹⁰⁵ BELO, E. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 75.

que estimulam questionamentos em como fazer, por que fazer e por que defender. No *hard news* o jornalista observa e pergunta tudo e diz não à preguiça. Levando em conta que o lado social deve ser amplamente defendido, o livro-reportagem pode ser um belo exercício de humanização para um futuro jornalista.

O curso pode fazer seus alunos ultrapassarem os limites de uma simples revisão de leitura; ou da análise de notícias antigas. Pode fisga-los e mostrar que jornalismo não são apenas algumas leituras, jargões, caras desanimadas e o desejo de pegar o canudo e o guardar na gaveta. O mercado editorial é um “quinhão” para livros-reportagem. O fomento da participação do PIC/PIBIC, através de e-mails institucionais, do incentivo dos professores estimulado os alunos para escrever artigos até isso se tornar um hábito é um ganho no currículo não apenas do aluno, mas dos discentes e da universidade.

Vi nos murais concursos na área do jornalismo universitário; fiquei sabendo da recepção bem-vinda da Intercom por artigos bem escritos; descobri festivais que abrem espaço para documentários; sei de algumas editoras que publicam livros-reportagem para saciar o desejo de leitores que buscam informações aprofundadas e conheci o trabalho de diretores de cinema que transformaram os livros-reportagem em filmes, como *Carandiru*, *Holocausto Brasileiro*, *A Sangue Frio* entre outros. Mas senti falta em conhecer o jornalismo investigativo, cultural, comunitário, esportivo, internacional, do jeito que eles devem ser conhecidos.

Pensei como foi ótimo receber o incentivo para ler “*Vozes de Tchernóbil*” de Svetlana Aleksievitch; “A copa como ela é” de Jamil Chade; “Bilhões e lágrimas” de Consuelo Dieguez; “Crash” de Alexandre Versignassi; “O livro urgente da política brasileira” de Alessandro Nicoli Mattos; “À sombra do poder” de Rodrigo Almeida; “Dossiê Herzog: prisão, tortura e morte no Brasil” de Fernando Jordão; “Notícias do Planalto: A Imprensa e Fernando Collor” de Mario Sergio Conti; “Morcego Negro” de Lucas Figueiredo; “Anatomia de um desastre” de Claudia Safatle, Joao Borges e Ribamar Oliveira; “A ética da Malandragem” de Lucio Vaz; “Honoráveis Bandidos” de Palmério Dória; “A Feijoada que Derrubou o Governo” de Joel Silveira, entre outros.

Como eu gostaria de ver o acréscimo nessa lista, “*Eichmann em Jerusalém*” de Hannah Arendt; “*O Jornalista e o Assassino*” de Janet Malcolm; “*Todos os homens do presidente*” de Carl Bernstein e Bob Woodward; “*Os Sertões*” de Euclides da Cunha

e “*Notícias de um Sequestro*” de Gabriel García Márquez. Conhecer suas vozes autorais e praticar minha própria voz.

Acrescentei na biblioteca pessoal alguns livros que tratam sobre os diferentes tipos de jornalismo dos autores Daniel Piza, Ricardo Noblat, Felipe Pena, Edvaldo Pereira Lima, Milton Jung, Leandro Fortes, Sueli Caldas, Andreia Terzariol Couto, entre outros...

Penso que com o *hard news*, há a prática da entrevista e apuração; ele é imediato; possui um *deadline* que é o suspiro de quem parece estar com o túmulo aberto, pronto para cair e ser enterrado. Principalmente, se não houver a prática da escrita desde o 1º semestre, pois estes chegarão no último sem saber o que e como escrever. Coitados, dormem escutando em suas mentes:

Figura 1 – “Por trás dos bastidores”

Olha o tempo! As máquinas não param! Os leitores querem notícias! O jornalismo não para! Vai morrer na praia? Preciso disso pra ontem! Corre! Corre! Corre! – “*Discente de Jornalismo é encontrado em prantos pelos corredores da universidade declarando que não aguenta mais!*” – O ministério da “Sanidade” adverte: A Redação de uma empresa é dez vezes pior.

Fonte – A autora

A exigência morre pelos mesmos medos que um aluno tem ao se perguntar se vale a pena continuar; a falta da mostra de todas as técnicas e áreas que existem no jornalismo, é uma chance que se perde em formar um jornalista de ponta. Inegavelmente, essa quase jornalista, amante das letras e escritora em horas vagas, chegou a duvidar que a falta de algo no currículo, como o livro-reportagem, poderia ser implementado no curso para os próximos alunos. Roland Barthes me puxou a orelha com suas palavras:

Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz. Trata-se, talvez, de uma erótica classe? Mas de que classe? A burguesa? Ela não tem nenhum gosto pela linguagem, que já não é, sequer a seus olhos, luxo, elemento de uma arte de viver (morte da “grande” literatura), mas apenas instrumento ou cenário (fraseologia). A popular? Aqui, desaparecimento de toda atividade mágica ou poética: não há mais carnaval, não se brinca mais com as palavras: fim das metáforas, reino dos estereótipos impostos pela cultura pequeno-burguesa.¹⁰⁶

¹⁰⁶ BARTHES, R. **O prazer do texto**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013, p.70.

O desânimo não pode ser uma opção, obrigada Barthes por suas palavras que despertaram uma revolta dentro de mim e fez-me pensar no jornalismo de resistência de Pena. A linguagem realmente desperta um instinto narrado como masoquista para alguns. O prazer encontrado está em dobrar a classe burguesa para fazê-la gostar da linguagem e encontrar na arte de viver do jornalista o que Barthes considera uma grande literatura. Está em mostrar que o cenário é um instrumento da linguagem que parafraseamos e brincamos ao torná-la acessível a classe popular.

O jornalista brinca com as palavras, mas brinca de maneira séria, estereotipando ou não as situações para não restarem dúvidas das mensagens que desejam passar. As metáforas são brinquedos desejados e usadas na parcimônia dos livros-reportagem. Em suma, escrever um livro-reportagem ao final de um curso de Jornalismo é pôr à prova todo o conhecimento adquirido.

É testar tudo o que foi aprendido em Laboratório de Criatividade; em Língua Portuguesa; em Redações para Audiovisual; em Mídia Impressa; em Assessoria de Imprensa; Radiojornalismo; Telejornalismo; Jornalismo On-Line; Jornal Laboratório; Jornalismo Político e Econômico; pois, todos eles precisam da ajuda de Métodos e Técnicas de Pesquisa; Técnicas de Entrevista, Apuração e Reportagem; Edição e Cobertura Jornalística; e indubitavelmente, todos os tipos de ética.

Escrever um livro-reportagem é aprimorar o jornalista que sairá da faculdade, que será audaz e exigente em todo trabalho que ele fizer; que saberá identificar fontes que trarão boas histórias e notícias factuais que merecem um maior desdobramento; é transformar o jornalista em uma pessoa capaz de humanizar até mesmo o famigerado *hard news* para trazer o público de volta ao hábito de ler notícias.

4 MEMORIAL DESCRITIVO E ANALÍTICO

4.1 PROVAÇÃO

O conflito para a construção do projeto experimental deveu-se ao conhecimento de duas áreas diferenciadas que tem em comum a prática da produção textual. Ao longo de dois cursos¹⁰⁷, a identificação com as pesquisas necessárias para a produção seja de artigo ou de matéria jornalística, trouxeram questionamentos sobre o que é o fazer jornalístico e como reproduzir as matérias de forma convidativa, tal qual uma estória contada por um *storyteller*¹⁰⁸.

A produção textual, também possui diferenças da área literária e da jornalística. Em uma se possui a liberdade de expressão e na outra há uma ancoragem à realidade que mesmo se romanceada, ao ser contestada precisa de provas que o fato ocorreu da forma que ocorreu. Há uma possibilidade em suavizar a reportagem ou matéria ao evitar discursos impactantes que demonstrem insensibilidade para com o público.

Conforme o Art. 11 do código de ética do Jornalista, inciso segundo: “O jornalista não pode divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista, ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes”¹⁰⁹. Porém, a liberdade encontrada pode chegar próximo ao limiar do caráter mórbido em casos de interesse público. A moralidade e a ética do jornalista se transformam no crítico interior para mediar se o profissional transpassará ou não o limiar do código de ética juramentado.

4.2 RECOMPENSA

A busca pelo diálogo dos cursos que a aluna fez, foi outra provação para construir o projeto experimental. No curso de Letras, a disciplina de Metodologia de Pesquisa Científica aliada ao estudo de várias áreas da Literatura, tais como História

¹⁰⁷ Licenciatura em Letras Português-Inglês incompleto e Bacharelado em Jornalismo incompleto até o momento da apresentação do Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo. [nota da autora].

¹⁰⁸ Uma pessoa que conta ou lê histórias para outras pessoas. CAMBRIDGE Dictionary. **Storyteller**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/storyteller>>. Acesso em 25 out. 2018.

¹⁰⁹ Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

da Literatura Brasileira e Portuguesa, Americana e Inglesa, despertou na aluna, o desejo de investigar e de conhecer as diversas formas de narrações de acordo com os tipos estudados em seus diversos gêneros literários. O despertar investigativo possuiu um impacto maior por conta da identificação dos estilos literários que a estimularam para a profissão como professora, escritora e fomentadora de eventos culturais. Com o curso interrompido por questões técnicas, a aluna decidiu pelo Jornalismo para produzir um maior conhecimento na área de produção textual para levar a seu público-alvo.

O curso de Jornalismo apresentou diversas formas como Redação para Audiovisual, Fotojornalismo, Radiojornalismo e Telejornalismo, que demandaram produções textuais técnicas que exigem um tempo maior para a compreensão da configuração requerida de cada um. Tais disciplinas fugiram do fascínio que a Semiótica e Teorias da Linguagem aliam à Redação para a Mídia Impressa, Jornalismo On-line, Jornal Laboratório e Éticas. Outras disciplinas, apesar da importância, se transformam em referenciais teóricos para as disciplinas citadas anteriormente.

Tratar de dois cursos considerados diferentes, apenas aumentou o conflito de que misturar os “Homens de Letras” com os “Homens Factuais” é um pouco mais complicado. Conforme Arendt:

Se o que fala a verdade fatural quiser desempenhar um papel político e, portanto, persuasivo, o mais das vezes terá que entrar em digressões consideráveis para explicar por que sua verdade particular atende aos melhores interesses do grupo¹¹⁰.

Sendo assim, o projeto experimental precisou ganhar um novo rumo mostrando que a separação de letrados e jornalistas pode ser uma perda para a área de Comunicação Social, porém há a necessidade de manter a separação em algumas áreas para que um produto jornalístico se mantenha ancorado à realidade.

¹¹⁰ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 309-310.

4.3 ESTRADA DE VOLTA

4.3.1 Sobre o nome do projeto experimental

A segunda provação foi a escolha do título do projeto experimental. Ele deveria ter seguido o mesmo processo utilizado por autores literários e jornalísticos. Ou seja, ser criado por último. Pois, o título reflete a mensagem, a promessa, a curiosidade que o autor deseja causar em seu leitor. Mas, a escolha do título antes de todo o processo de desenvolvimento, se tornou um fio condutor do caminho a se seguir.

Neste caso, ao criar um título, o processo criativo do autor pode passear entre os cursos estudados e escolher a melhor metodologia. Em Jornalismo, ter o conhecimento de análise de dados, em *Searching Engine Optimization (SEO)*¹¹¹, o conhecimento prévio do público, são ferramentas que despertarão a curiosidade de público-alvo que se deseja alcançar. Na Literatura, a nomeação pode ser o cerne das entrelinhas, a mensagem que se deseja passar, a dubiedade, o sentimento despertado no autor durante o processo da escrita, a personagem principal e novamente, volta-se ao chamariz utilizado no fazer jornalístico.

Apresentar as variantes da palavra “quase” encontrada no título da crônica desenvolvida, entra os quesitos dos dois cursos que a personagem/fonte frequentou. A primeira traz as dúvidas que perseguem a personagem em sua formação acadêmica, a segunda expõe os sentimentos causados em sua pessoa.

Vale lembrar que a palavra “quase” também pode ser vista psicologicamente como uma questão de “crença” e questionamento sobre as incertezas de uma pessoa que se sentia insegura em suas convicções à medida que o curso de Jornalismo avançava. As cobranças que se tornaram cada vez mais pesadas, a lembravam do fato que o profissional que ela se transformaria precisa ser repórter, editor, cinegrafista, tele e radiojornalista, redator, diagramador, *web designer* e tantas coisas mais.

Segundo Freeman e DeWolf, a maioria das pessoas sofre por se sentir cercada de críticos que “resumem o desempenho numa única palavra: fracassado.

¹¹¹ Método para garantir que o endereço de um site seja exibido próximo ao topo da lista de resultados de uma pesquisa na Internet. CAMBRIDGE Dictionary. **SEO**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/search-engine-optimization?q=SEO>>. Acesso em 09 nov. 2018.

Nem mesmo a experiência do sucesso é capaz de afastar o que se costuma chamar de “fenômeno do impostor”¹¹². Essa sensação, é conhecida na Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), como o crítico interior, que “não só julga como corretas todas as supostas críticas externas, como acrescenta e inventa mais algumas. É o mais duro dos críticos nesse universo implacável”.¹¹³

Para superar o crítico interior, os autores sugerem que aquele que se sente criticado precisa separar as críticas para detectar aquelas que são elogios ou construtivas, das que são destrutivas. Ao encontrar o que é necessário para o avanço, a palavra “quase” do título ganha uma conotação positiva de que não há um fracasso, mas um avanço na carreira estudantil e que a realidade da profissionalização está mais próxima do que o fracasso em si.

Portanto, a superação se encontra no como foram lidas as críticas e na não contaminação de palavras externas que julgam, a profissão do jornalista; o papel que ele desempenha; a busca pela verdade e o combate à desinformação criada por outros erros cognitivos citados pelos autores como o pensamento condicional do “e se...?”¹¹⁴ que é um pensamento em que a pessoa pensa na possibilidade de ameaças que não existem ou improváveis de acontecer;[= ou o vício do “sim, mas...”¹¹⁵ que no aparecimento de aspectos positivos, há um contrapeso de pensamentos negativos para eliminar a sensação de satisfação com o trabalho realizado.

Em se tratando do uso da TCC, psicoterapia para transtornos mentais, na escolha do nome, há um reflexo sobre a depressão enfrentada pela autora durante o curso e a observação detectada em estudantes universitários que poderia ser abordada em livros-reportagem. Apesar da delicadeza e do tabu a respeito da temática no jornalismo, as universidades e os autores Leão e Ianni que iniciaram o estudo “Mudanças Sociais, Individualização e o Sofrimento Psíquico entre Estudantes Universitários”, que fazem parte do Departamento de Política, Gestão e Saúde da FSP, mostrou que uma outra matéria poderia ser implementada no curso, a psicopatologia comportamental-cognitivista.¹¹⁶

¹¹² FREEMAN, A.; DEWOLF, R. As 10 bobagens mais comuns que as pessoas inteligentes cometem e técnicas eficazes para evitá-las, 2005 p.129.

¹¹³ Ibidem, p.139.

¹¹⁴ Ibidem, p.194-208.

¹¹⁵ Ibidem, p.226-242.

¹¹⁶ ESTUDO **vai investigar sofrimento mental de estudantes universitários**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/estudo-investiga-sofrimento-mental-de-estudantes-universitarios/>> Acesso em 21 nov. 2018.

4.4 RESSURREIÇÃO

O desejo de estudar outros tipos de jornalismo além do *hard news* foi constatar que a apresentação das Técnicas de pesquisa e apuração, Jornal Laboratório e Jornalismo Político e Econômico, presentes na matriz curricular da instituição, apresentaram diversas ferramentas para o aprimoramento dos estudos dos graduandos.

O livro-reportagem apresentado como forma de leitura, despertou a curiosidade da graduanda, porém, o instrumento não teve a profundidade como gênero de produção textual durante o curso.

As mudanças nas matrizes curriculares requerem tempo, demanda e pesquisas sobre melhorias que podem ajudar a instituição e a formação de novos jornalistas. De acordo com o Ministério da Educação, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em bacharelado de Jornalismo, em seu Art. 2º, a estrutura do curso de bacharelado em Jornalismo deve:

- I - ter como eixo de desenvolvimento curricular as necessidades de informação e de expressão dialógica dos indivíduos e da sociedade;
- II - utilizar metodologias que privilegiem a participação ativa do aluno na construção do conhecimento e a integração entre os conteúdos, além de estimular a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, propiciando suas articulações com diferentes segmentos da sociedade;
- III - promover a integração teoria/prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular;
- IV - inserir precocemente o aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional;
- V - utilizar diferentes cenários de ensino-aprendizagem, permitindo assim ao aluno conhecer e vivenciar situações variadas em equipes multiprofissionais;
- VI - propiciar a interação permanente do aluno com fontes, profissionais e públicos do jornalismo, desde o início de sua formação, estimulando, desse modo, o aluno a lidar com problemas reais, assumindo responsabilidades crescentes, compatíveis com seu grau de autonomia.¹¹⁷

Tendo em vista as alíneas, o uso do livro-reportagem como ferramenta na formação do graduando o ajudaria a atingir todos os objetivos do artigo em questão,

¹¹⁷ BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução n. 1, 27 set. 2013**: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 22 nov. 2018.

tornando-o um profissional preparado para as diferentes situações que surgem na profissão.

CONCLUSÃO

Na última etapa da jornada desempenhada, o que pelos heróis é interpretado como o “*retorno com o elixir*”, foi constada na pesquisa que o livro-reportagem é um objeto que necessita de conhecimentos prévios de jornalismo literário, *new journalism* e *hard news*. Também, faz-se necessária uma verificação mais profunda se o gênero *new journalism* é o que no Brasil conhecemos por jornalismo literário.

Constatedei que nas referências utilizadas, a estrutura do objeto de estudo segue os preceitos jornalísticos da pauta de *hard news*, como:

- 1) A elaboração da pauta;
- 2) A saída a campo para fazer coleta de dados, ou em alguns casos viagens ou idas a locais de alta ou baixa periculosidade para a concretização dele;
- 3) Verificar se o livro-reportagem cobrirá espaços que foram deixados em branco pelo *hard news*;
- 4) Fazer pesquisa, entrevistar fontes, checar dados;
- 5) Redigir, revisar e fazer a redação final.

Mesmo que o jornalista encontre uma liberdade maior, ao não seguir as limitações do *deadline* das redações, ele ainda desempenhará o papel de escritor, narrador e redator. Identificar as características da multiplicidade que esse tipo de obra pode alcançar no mercado editorial, traz a importância em manter as pesquisas sobre o gênero após a conclusão do curso.

Os aspectos estilísticos que podem ser abordados como a reportagem narrativa ou descritiva, evidenciam as alternativas que podem ser alcançadas, utilizando o estudo da “Jornada do Herói”, que auxiliará o graduando a compreender o que ele deve contar; os pontos que devem ser privilegiados; o enfoque que ele deverá escolher. Pensar no produto como um todo, levando em conta o público-alvo, favorece o autor/jornalista no desempenho de como ele irá contar o que irá contar, sem palavras imprecisas para não gerar dúvidas.

Percebi que o uso da crônica foi essencial para certificar se o investimento no ato da escrita, nos mais diversos gêneros textuais, é algo praticado ou não durante o curso. Constatedei que no ensino fundamental II e médio, as Olimpíadas da Língua Portuguesa, é uma tentativa de fazer com que os alunos conheçam os mais diversos gêneros textuais, dando a eles o tempo necessário para se aprofundarem em cada

um dos gêneros apresentados pelos professores, como: poema, memórias literárias, crônica e artigo de opinião, porém, ela possui pouca divulgação.

Porém, apesar da crônica ser um texto que deva cumprir a brevidade e um aspecto que se aproxima da informalidade no Jornalismo, compreendi que a seriedade do assunto necessitou de licença poética, para mostrar a minha preocupação inicial na falta de investimento em matérias importantes para o desenvolvimento da apuração, do refinamento na escrita e na preocupação em ser ético no divulgar de uma estória/reportagem

Compreendi que na falta da prática da escrita, muitos graduandos possuem dificuldade em desenvolver as ideias, em formas técnicas de textos voltados para as mídias audiovisuais, ou para textos como reportagem e matérias mais longas; sendo necessário buscar cursos externos ou livros que mostrem como desenvolver esse tipo de escrita devido ao tempo escasso do semestre. Cursos intensivos, ofertados pelas próprias instituição para especializar seus alunos pode ser uma opção.

A importância da História da Comunicação e todos os caminhos percorridos pelo Jornalismo até os tempos atuais, mostra que para chegar em um produto como o livro reportagem, é necessário que a literatura ganhasse seu lugar nos jornais e atingir o *status* posteriores de Jornalismo Literário, *New Journalism* e *Hard news*, mas para que o aluno compreenda a importância da matéria, seria interessante matérias sobre cada um dos tipos que o Jornalismo possui, se não por disciplinas separadas, por workshop intensivo nos fins de semana, resultando em trabalhos para serem divulgados na Intercom.

Constatedei, ao final da pesquisa, que o ensino sobre o livro-reportagem, como ferramenta do jornalismo, pode auxiliar no desenvolvimento do hábito da escrita, assim como despertar o lado pesquisador dos graduandos da área do *Hard news*. Além disso, o ensino das diversas áreas da literatura em um curso de Letras estimula seus alunos a conhecerem outros autores e escreverem artigos de análise comparativa das obras com aspectos sociais.

Nesse sentido, é possível que o ensino das diversas áreas do jornalismo, dentre eles, o livro-reportagem, ajude os graduandos a escreverem fora dos nichos tradicionais da profissão em Brasília, aprimorando o *Hard news* e estimulando-os a participarem das diversas oportunidades que são ofertadas para os jornalistas universitários.

REFERÊNCIAS

- ANGELO, I. Sobre a crônica. **Veja São Paulo**, 2009. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/sobre-cronica/>>. Acesso em: 08 out. 2018.
- _____. Sobre a crônica. **Olimpíadas de Língua Portuguesa**: Coletânea Crônicas. São Paulo: Cenpec, 2010. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/colecao-da-olimpiada/artigo/250/coletanea-de-textos>>. Acesso em: 08 out. 2018.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ARISTÓTELES. **Poética**. 4. ed. Portugal: INCM Casa da Moeda. 1994. Disponível em: <<https://mega.nz/#F!88FVCbqK!Heay0BIZCI-A29hJjs0uLA>>. Acesso em: 04 nov. 2018.
- ASSIS, M. de. **A Mão e a Luva**. 1874. BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Código de Ética dos Jornalistas dos Brasileiros**. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>. Acesso em: 25 out. 2018.
- BARCELLOS, C. **Rota 66**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BELO, E. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- BERTOLINI, J. O alerta de Benjamin e o jornalismo. **Observatório da Imprensa**. São Paulo, ano 19, ed. 821, n. 1014, out. 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed821_o_alerta_de_benjamin_e_o_jornalismo/>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- BRAIT, B. **A Personagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- BRASIL. Governo Federal. **Percentual de leitores de jornal impresso permanece estável, aponta Pesquisa Brasileira de Mídia**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/percentual-de-leitores-de-jornal-impresso-permanece-estavel-aponta-pesquisa-brasileira-de-midia>>. Acesso em: 05 jun. 2018.
- _____. Ministério da Educação. **Resolução n. 1, 27 set. 2013**: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 22 nov. 2018.

BRASIL. Senado Federal. **Manual de Comunicação da SECOM: Deadline.**

Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/deadline>> Acesso em: 30 out. 2018.

_____. Senado Federal. **Manual de Comunicação da SECOM: Lead.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/lead>>. Acesso em: 24 out. 2018.

_____. Senado Federal. **Manual de Comunicação da SECOM: Valor-notícia.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/valor-noticia>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

CAMBRIDGE Dictionary. **Deadline.** Disponível em:

<<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/deadline>>. Acesso em: 03 out. 2018.

_____. **Fact checking.** Disponível em:

<<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fact-checking>>. Acesso em: 25 out. 2018.

_____. **Fake News.** Disponível em:

<<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fake-news>> Acesso em 03 out. 2018.

_____. **Hard News.** Disponível em:

<<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/hard-news>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

_____. **SEO.** Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/search-engine-optimization?q=SEO>>. Acesso em 09 nov. 2018.

_____. **Storyteller.** Disponível em:

<<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/storyteller>>. Acesso em 25 out. 2018.

_____. **Streaming.** Disponível em:

<<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/streaming>>. Acesso em 10 nov. 2018.

CAPOTE, T. **A sangue frio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003, E-book.

CARVALHO, L.; VETTORE, R. **Como produzimos nosso livro-reportagem durante o TCC de jornalismo?** Disponível em:

<<http://www.casadosfocas.com.br/como-produzimos-nosso-livro-reportagem-durante-o-tcc-de-jornalismo/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

CASTRO, G. de **Jornalismo Literário.** Brasília: Casa das Musas, 2010.

CHAPOLA, R. **O WhatsApp nas eleições: o uso por candidatos e eleitores.** Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/06/10/O-WhatsApp-nas-eleicoes-o-uso-por-candidatos-e-eleitores1>> Acesso em: 21 nov. 2018.

COUTINHO, E. **Escola Base: onde e como estão os protagonistas do maior crime da imprensa brasileira.** São Paulo: Casa Flutuante, 2016.

COUTO, A. T. **Livro-reportagem: guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2014.

EPSTEIN, I. **Ciência, poder e comunicação.** In: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2017. p.13-31.

ESTUDO vai investigar sofrimento mental de estudantes universitários. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/estudo-investigacao-sofrimento-mental-de-estudantes-universitarios/>> Acesso em 21 nov. 2018.

EX-MULHER acusou Bolsonaro de furto de cofre e agressividade. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/ex-mulher-acusou-bolsonaro-de-furto-de-cofre-e-agressividade.shtml>>. Acesso em: 25 out. 2018

FALASCHI, C. **Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros.** São Paulo: Summus, 2007.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.** Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

FERREIRA, D. A realidade do jornalismo contemporâneo. **Observatório da Imprensa.** São Paulo, ano 19, ed. 567, n. 1014, dez. 2009. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-realidade-do-jornalismo-contemporaneo/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

FONSECA, J. P. de. **Para eleitores polarizados, a mídia está sempre errada.** Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/blog/joel-pinheiro-da-fonseca/para-eleitores-polarizados-a-midia-esta-sempre-errada/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

FREEMAN, A.; DEWOLF, R. **As 10 bobagens mais comuns que as pessoas inteligentes cometem e técnicas eficazes para evitá-las.** Rio de Janeiro: Guarda-Chuva, 2005.

GAIMAN, N. **Faça boa arte.** Rio de Janeiro: Intrínseca. 2014.

GONÇALVES, E.; SANTOS, M. dos **Reportagem: narrativa em muitos estilos.** 2014, s./n. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-2470-1.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

JORGE, T. de M. Por que foca? **Observatório da Imprensa**. São Paulo, ano 19, ed. 497, n. 1014, ago. 2008. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/por-que-foca/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

LIMA, E. P. **Jornalistas literários**: narrativas da vida real por novos autores brasileiros. São Paulo: Summus, 2007.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.

MELO, M. F. de; MONTEIRO, L. M.; RODRIGUES, D. F. **Paradigmas quantitativo e qualitativo no cotidiano da investigação**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17564/2316-3801.2013v2n1p9-16>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

METODOLOGIA. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/ranking>> Acesso em 11 nov. 2018

MIRANDA, A. **Notícias falsas põem vidas em risco**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticias-falsas-poem-vidas-em-risco-21113323>> Acesso em: 03 out. 2018.

MOREIRA, D. (Org.). **Didática do ensino superior**: técnicas e tendências. São Paulo: Pioneira, 1997.

MOREIRA, S. V. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2017, p.269-279.

NICOLATO, R. **Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras**. s/n. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9436889836084530327712814615574213993.pdf>>. Acesso em: 22 de mar. 2018.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

O PROCESSO. **Veja**, São Paulo, Edição 2602. out. 2018.

O QUE é a **Netflix**? Disponível em: <<https://help.netflix.com/pt/node/412>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

OLIVEIRA, G. D. de **Mimésis**: conceito e exemplificação do texto literário em A Metamorfose de Franz Kafka. Disponível em: <<http://www.anais.ueg.br/index.php/epe-slmb/article/view/2714>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

PAULA, L. de S. **Depoimento** In: MIRANDA, A. Notícias falsas põem vidas em Risco. O GLOBO. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticias-falsas-poem-vidas-em-risco-21113323>> Acesso em: 03/10/2018.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PORTO, C. **O Supremo diante do diploma de jornalista**. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/opiniaio/2018/08/5564433-o-supremo-diante-do-diploma-de-jornalista.html>>. Acesso em: 30 out. 2018.

QUEIRÓS, E. de. **A cidade e as serras**. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/Livro/a-cidade-e-as-serras/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

RIBEIRO, A. **Caso Escola Base: os abusos da imprensa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

RIO ganha **estátua de 'Jesus sem-teto' no Dia Mundial dos Pobres**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/11/13/rio-ganha-estatua-de-jesus-sem-teto-no-dia-mundial-dos-pobres.ghtml>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

ROBERTO, A. Jornada do herói nos quadrinhos: o leitor e a leitura no processo de autodescoberta e conhecimento. **DiÁLOGO**, Canoas, n. 34, p. 71-84, abr. 2017.

ROCHA, P.; XAVIER, C. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores – Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias**. São Paulo, v. 7, n. 14, p. 138-157, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/download/69434/72014/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

RODRIGUES, D.; MELO, M.; MONTEIRO, L. Paradigmas quantitativo e qualitativo no cotidiano da investigação. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**. Aracaju, v.2, n. 1, p.9-16, out. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17564/2316-3801.2013v2n1p9-16>>. Acesso em 11 nov. 2018.

SABINO, F. T. **Encontro Das Águas: crônica irreverente de uma cidade tropical**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

SANTOS, A. D.; NAVA, M.; CERVI, E. U. **Comparação entre os temas que ganharam visibilidade nas capas dos jornais regionais em 2010**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0823-1.pdf>> Acesso em: 11 nov. 2018.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SOBRE o **WhatsApp**. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/about/>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

STUMPF, I. R. C. **Pesquisa bibliográfica.** In: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2017. p.51-83.

TALESE, G. **O Voyeur.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TELEFONE **sem fio: maioria dos internautas compartilha links sem ler o conteúdo.** Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/tecnologia/telefone-sem-fio-maioria-dos-internautas-compartilha-links-sem-ler-o-conteudo-ck00xyiromjrhq9m3kms2x7cy/>> Acesso em: 21 nov. 2018.

TSE NEGA **direito de resposta a Bolsonaro contra reportagem da "Veja".** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/25/tse-nega-direito-de-resposta-a-bolsonaro-contrareportagem-da-veja.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

VARELLA, D. **Estação Carandiru.** Companhia das Letras, 2005. E-book.

VILAS BOAS, S. **Jornalistas literários:** narrativas da vida real por novos autores brasileiros. São Paulo: Summus, 2007.

VOYEUR. Direção: Myles Kane; Josh Koury. Intérpretes: Gay Talese. 2017. (1h35). Produzido por **Netflix.** Baseado no livro-reportagem: O Voyeur de Gay Talese.

ZAMITH, F. Pirâmide Invertida na Cibernotícia: a resistência de uma técnica centenária. **Prisma.com**, n.1, p.175-192, 2005. Disponível em: <<http://pentaho.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2151/1984>>. Acesso em: 11 nov. 2018.